

ESPIRITISMO

ESTUDO SISTEMATIZADO

MÓDULO 4

**MATERIAL DIDÁTICO
PARA CURSO ONLINE
DO PORTAL LUZ ESPÍRITA**



LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

ESPIRITISMO – ESTUDO SISTEMATIZADO

Equipe Luz Espírita

Material didático para curso online do Portal Luz Espírita

Edição revisada de março, 2011

Distribuição gratuita



**MATERIAL DIDÁTICO PARA
CURSO ONLINE DO
PORTAL LUZ ESPÍRITA**

ESPIRITISMO

ESTUDO SISTEMATIZADO

MÓDULO 4



	MÓDULO IV
1ª lição	OS MILAGRES E O SOBRENATURAL Conceitos – Os milagres de Jesus – Curas <> Os milagres provam a divindade do Cristo?
2ª lição	DA LEI DIVINA OU NATURAL Filosofia espírita – Das leis morais – O Bem e o Mal <> A Nova Era
3ª lição	DA LEI DO TRABALHO Necessidades e limites do trabalho – Repouso <> A verdadeira propriedade
4ª lição	DA LEI DE REPRODUÇÃO Casamento e divórcio – Celibato – Contracepção e aborto – Sexo <> A parentela corporal e a parentela espiritual
5ª lição	DA LEI DE REPRODUÇÃO: II Sexualidade <> Perante o sexo
6ª lição	DA LEI DE CONSERVAÇÃO O necessário e o supérfluo – Vegetarianismo <> Observem os pássaros no céu
7ª lição	DA LEI DE DESTRUIÇÃO Objetivos e limites da destruição – Flagelos e guerras – Pena de morte <> Caridade para com os criminosos
8ª lição	DA LEI DA SOCIEDADE <> A família como Instrumento de Redenção Espiritual
9ª lição	DA LEI DO PROGRESSO Estado da natureza e progresso <> Reforma íntima
10ª lição	DA LEI DE IGUALDADE Igualdade natural e desigualdade circunstancial <> A mulher ante o Cristo
11ª lição	DA LEI DE LIBERDADE Livre-arbítrio e responsabilidade <> Liberdade
12ª lição	DA LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE A lei humana e a lei natural <> A Caridade
13ª lição	DA PERFEIÇÃO MORAL Autodescobrimento <> Uma busca interior
14ª lição	AGENDA MÍNIMA Roteiro prático <> Oração de São Francisco
15ª lição	BREVIÁRIO Resumo do curso <> O Paraíso na Terra

OS MILAGRES E O SOBRENATURAL

CONCEITOS – OS MILAGRES DE JESUS – CURAS

1 – CONCEITO VULGAR DE MILAGRE

“Só sei que nada sei” – disse o filósofo grego Sócrates, referindo-se à proporção do que o homem sabe em relação ao conhecimento universal. A ignorância sobre certas coisas leva aos pretensiosos criarem sistemas diversos e, normalmente não encontrando nenhuma teoria minimamente plausível para determinados eventos, caracterizam-nos como milagres.

Na acepção etimológica, a palavra milagre (de *mirari*, *admirar*) significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente. A Academia definiu-a deste modo: Um ato do poder divino contrário às leis da Natureza, conhecidas.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XIII, Item 1)

Para as religiões, Deus produz os milagres – quebras as regras da natureza – para mostrar sua grandeza, uma demonstração que Ele pode tudo. Dessa forma, o fato para ser consagrado milagroso requer ser inexplicável e contrário à normalidade, pois se for conhecida ou explicada sua causa, o fenômeno deixa de ser prodigioso. Daí nasce a barganha: “não é para se conhecer, mas para se acreditar”, dizem.

Os séculos de ignorância foram fartos de milagres, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo cuja causa não se conhecia. À proporção que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se foi restringindo; mas, como a Ciência ainda não explorara todo o vasto campo da Natureza, larga parte dele ficou reservada para o maravilhoso.

(Idem – Cap. XIII, Item 2)

2 – RETIRANDO O VÉU

Quando a Ciência penetrou em determinadas trilhas – outrora reservadas aos doutores da fé (exegetas e hermeneutas) – desvendou muitos “milagres” e causou grande revolução.

Então se dirá: admitem que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma anulação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida. Porém, conhecemos todas as leis? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando muitos homens, poderia triunfar da força de atração? Ao leigo, isso não pareceria maravilhoso ou diabólico? Aquele que há um século tivesse proposto a transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta dentro de alguns minutos, teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado que o diabo estivesse às suas ordens, porque, então, só o diabo era capaz de andar tão depressa. Hoje, no entanto, não só se reconhece possível o fato, como ele parece naturalíssimo. Por que, pois, um fluido desconhecido careceria da propriedade de contrabalançar, em dadas circunstâncias, o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, efetivamente, o que sucede, no caso de que se trata.

(Idem – Cap. XIII, Item 7)

Por sua vez, vez o Espiritismo revelar uma nova face da Natureza de Deus, até então desconhecida e explorada com variadas matizes. Abriu-se uma brecha de luz para que a Humanidade avance na compreensão da vida espiritual e dos efeitos do intercâmbio entre os dois planos, demonstrando que os Espíritos e suas manifestações não têm nada de sobrenatural nem tampouco estão fora da Natureza – criada por Deus e perfeita como Ele.

Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o auxílio deles.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Comentário à questão 525-a)

Se Deus rompesse com as leis naturais que Ele mesmo instituiu, que estabilidade teria? Se assim fizesse, seria para um reparo; logo, teria feito algo errado. Aquilo que vulgarmente se chama “milagre” não passa de um processo natural – quer conheçamos perfeitamente ou não.

A revelação espírita adiantou-se à Ciência comum porque esta última tem limites físicos e faz uso apenas de instrumentos materiais, enquanto o Espiritismo vai além, sem competir, mas abrindo o entendimento entre todos os campos do saber.

Dizemos, pois, que: o milagre, o maravilhoso, o sobrenatural, estes só existem no sentido poético, quando admiramos a belíssima obra do Criador: o milagre da vida, da justaposição das sensações, da harmonia dos corpos celestes, etc. Eis a demonstração da grandeza de Deus.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá-lhe base mais sólida do que a dos milagres: as imutáveis leis de Deus, a que obedecem assim o princípio espiritual, como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, pois que o tempo e a Ciência virão confirmá-la.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XIII, Item 18)

3 -- OS MILAGRES DE JESUS

Os Evangelhos bíblicos salientam os “milagres de Jesus”, fenômenos esses que atestariam Sua superioridade. Porém, não supomos que Cristo tenha quebrado nenhuma das leis naturais, mas sim que as tenham usado de forma tão diferente e tão acima da compreensão dos que tenham presenciado os portentos.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres. Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava visão dupla, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que normalmente os homens comuns possuem. O mesmo havia de ser nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, apoiada pelo incessante desejo de fazer o bem.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. XV, Item 3)

Allan Kardec considera que Jesus é tão elevado que não agiu, durante sua passagem na Terra, como um médium – que se faz de mediador para a ação de outro Espírito –, mas como sendo Ele próprio era o operador das ações fluídicas, pois detinha o conhecimento, a

autoridade, a fé e a boa vontade. Portanto, Jesus mediador, só diretamente de Deus.

Sobre os fatos, diretamente falando, o codificador dissertou e dedicou um capítulo especial (Cap. XV – “Os milagres do Evangelho”) em “A GÊNESE” – quinta obra do Pentateuco espírita –, que avalia passagens como: a transfiguração de Cristo, a multiplicação dos pães, curas, expulsão dos demônios, as bodas de Canaã (transformação de água em vinho), etc.

Ao dizermos que Jesus não operou nenhum milagre, mas sim, que atuou sempre de acordo com as leis naturais, nós não estamos com isso rebaixando-o. Ao contrário, engrandecemos o seu trabalho de cumprir integralmente os preceitos divinos, coisa que, se nos fosse possível hoje, seríamos também admiráveis e poderíamos fazer as maravilhas que Cristo fez. É o que o Messias nos disse:

“Na verdade, eu digo a vocês: Aquele que crê em mim, esse também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para o Pai; e tudo quanto pedirem em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho”.

Jesus (João, 14:12-13)

4 – CURAS

Toda cura é um processo de transformação material que sempre obedece às leis naturais. Na organização humana, há um “exército do bem” composto de células que trabalham automaticamente para reparar os incidentes físicos – os anticorpos. Esse trabalho pode ser auxiliado por agentes químicos (terapia médica) ou força magnética (terapia espiritual). A cura milagrosa seria aquela incrivelmente rápida – o milagre nunca está no procedimento, como se fosse mágica. Por analogia, diríamos que um forno industrial faz milagres em relação a um fogão caseiro, simplesmente porque atinge altas temperaturas em menos tempo.

Faz-se necessário compreender que o corpo humano tem relações intrínsecas ao ser espiritual e, portanto, as doenças têm motivações extrafísicas, em que incluímos as heranças cármicas e as provações. Entanto, há que se considerar ainda o fator comportamental, especialmente em como cada indivíduo lida consigo mesmo nos quesitos: paz interior, higiene e alimentação. Valemo-nos também de saber que a encarnação é uma viagem temporária e a degeneração é tão necessária como natural.

O tratamento mediúnico consiste na manipulação dos fluidos, por exemplo, via: passe, água fluidificada, cirurgia espiritual e desobsessão – intermediada por bons Espíritos. O comportamento prático (alimentação, higiene, etc.), a fé (atitude mental positiva) e o merecimento (virtudes) do paciente aceleram a cura. Nos casos de grandes deformações físicas, normalmente resultante de expiação (doença = culpa), a reabilitação física só se dará quando houver a reparação moral. Para todos os casos, a evangelização repercute positivamente, seja encorajando para atravessar a prova (doença = teste de força, de fé, de exemplo), seja para promover a reforma íntima.

Quanto à fé, Jesus disse que se a tivéssemos do tamanho de um grão de mostarda, seríamos capazes de remover montanhas. E quais seriam essas montanhas? Nossas doenças, nossas dificuldades e tudo aquilo que nos parece impossível. Na fé verdadeira não há dúvidas, ainda que tudo pareça impossível. Lembre-se de algumas parábolas de cura, onde Jesus dizia para a pessoa que foi curada: “A tua fé te curou”. Ainda que não tenhamos uma fé tão grande, podemos orar ardorosamente e pedir a Jesus e a Deus que nos deem a graça desta. Se você quer ser curado espiritualmente, não fique criticando, julgando ou procurando encontrar coisas que impedirão sua cura. Tenha fé, busque-a incessantemente, pois assim você se abrirá para as bênçãos da cura espiritual. Torne-se receptivo à cura!

(REVISTA CRISTÃ DE ESPIRITISMO, Editora Minuano – Edição Especial nº 2, por Emiliana Vargas)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Texto externo: Tratamento espiritual; Dr. Fritz e José Arigó.

Livro: Capítulos: XIII e XV de “A GÊNESE”, Allan Kardec.

Os milagres provam a divindade do Cristo?

Segundo a Igreja, a divindade do Cristo está firmada pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural. Esta consideração pode ter tido certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; hoje, porém, que a Ciência levou suas investigações até às leis da Natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres, para cujo descrédito não contribuíram pouco o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que dessas imitações se há feito. A fé nos milagres foi destruída pelo próprio uso que deles fizeram, donde resultou que muitas pessoas consideram agora os do Evangelho como puramente lendários.

A própria Igreja, aliás, tira aos milagres todo o alcance como prova da divindade do Cristo, declarando que o demônio pode operá-los tão prodigiosamente quanto aqueles outros. Se o demônio tem tal poder, evidente se torna que os fatos desse gênero carecem em absoluto de caráter exclusivamente divino. Se ele pode fazer coisas espantosas, capazes até de iludir os eleitos, como poderão simples mortais distinguir os bons milagres dos maus? Não será de temer que, observando fatos similares, confundam Deus e Satanás?

Dar a Jesus semelhante rival em habilidade é grande descuido; mas, em matéria de contradições e de inconseqüências, não se consideravam as coisas com muita atenção numa época em que para os fiéis seria um caso de consciência o fato de pensarem por si mesmos e discutirem o menor artigo que se lhes impusesse à crença. Não se contava então com o progresso e ninguém cuidava de que pudesse ter fim o reinado da fé cega e ingênua, reinado cômodo, qual o do bel-prazer. O papel tão preponderante que a Igreja teimou em atribuir ao demônio produziu conseqüências desastrosas para a fé, à medida que os homens se foram sentindo capazes de ver com seus próprios olhos. Depois de ter sido explorado com êxito durante algum tempo, ele se tornou o detonador do velho edifício das crenças e uma das causas da incredulidade. Pode dizer-se que a Igreja, tomando-o por auxiliar indispensável, alimentou em seu meio aquele que se voltaria contra ela e lhe minaria os fundamentos.

Outra consideração não menos grave é a de que os fatos milagrosos não constituem privilégio exclusivo da religião cristã. Na prática não há religião alguma – idólatra ou pagã – que não tenha seus milagres tão maravilhosos e tão autênticos para os respectivos adeptos, quanto os do Cristianismo. E a Igreja reservou somente para si o direito de contestá-los, desde que atribuiu às potências infernais o poder de operá-los.

No sentido teológico, o caráter essencial do milagre é o de ser uma exceção aberta nas leis da Natureza, o que, conseqüentemente, o torna inexplicável mediante essas mesmas leis. Deixa de ser milagre um fato, desde que possa explicar-se e que se ache ligado a uma causa conhecida. Desse modo foi que as descobertas da Ciência colocaram no domínio do natural muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto se lhes desconheciam as causas. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia geral, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das capacidades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, permitiu a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos – mais do que os outros – não constituem anulações das leis da Natureza, mas que, ao contrário, decorrem quase sempre de aplicações destas leis. Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da visão dupla, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, a presciência, as curas instantâneas, as possessões, as obsessões, as aparições e transfigurações, etc., que formam a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem àquela categoria de fenômenos.

Sabe-se agora que tais efeitos resultam de especiais aptidões e disposições

psicológicas; que se hão produzido em todos os tempos e no meio de todos os povos e que foram considerados sobrenaturais pela mesma razão que todos aqueles cuja causa não se percebia. Isto explica por que todas as religiões tiveram seus milagres, que mais não são que fatos naturais, quase sempre, porém, ampliados até ao absurdo pela credulidade e reduzidos agora ao seu justo valor pelos conhecimentos atuais, que permitem se destaque deles a parte devida à lenda.

A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acha hoje completamente demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais. Pois que eles se produzem às nossas vistas – quer espontaneamente, quer quando provocados – nada há de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às dos nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns, etc. Do momento em que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes graus, numa multidão de indivíduos que nada têm de divino, até em heréticos e idólatras, elas não implicam, de maneira alguma, a existência de uma natureza sobre-humana.

Se o próprio Jesus qualifica de milagres os seus atos, é que nisto, como em muitas outras coisas, lhe cumpria apropriar sua linguagem aos conhecimentos dos seus contemporâneos. Como poderiam estes apreender os matizes de uma palavra que ainda hoje nem todos compreendem? Para o leigo, eram milagres as coisas extraordinárias que Ele fazia e que pareciam sobrenaturais, naquele tempo e mesmo muito tempo depois. Ele não podia dar-lhes outro nome. Fato digno de nota é que se serviu dessa denominação para atestar a missão que recebera de Deus, segundo suas próprias expressões, porém nunca se prevaleceu dos milagres para se apresentar como possuidor do poder divino.

Devemos, pois, riscar os milagres do rol das provas sobre que se pretende fundar a divindade da pessoa do Cristo. Vejamos agora se as encontramos em suas palavras.

(OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – 1ª Parte, “Estudo sobre a natureza do Cristo”, § II)

DA LEI DIVINA OU NATURAL

FILOSOFIA ESPÍRITA – DAS LEIS MORAIS

– O BEM E O MAL

1 – FILOSOFIA ESPÍRITA

Doravante, mergulharemos mais fundo na parte filosófica do Espiritismo, quando verificamos que os ensinamentos morais dados pelos colaboradores da codificação da Doutrina Espírita vão ao encontro da Lei de Deus e do exemplo cristão.

A síntese desses conceitos está exposta na terceira parte (“Das leis morais”) de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” e subdividida em: da Lei Divina ou Natural; Lei de Adoração (que estudamos no Módulo II, Lição 11ª); Lei do Trabalho, Lei de Reprodução; Lei de conservação; Lei de Destruição; Lei de Sociedade; Lei do Progresso; Lei de Justiça, de Amor e de Caridade; Lei da Perfeição Moral.

2 – A NATUREZA É DE DEUS

A lei natural é a lei de Deus e sendo por Ele estabelecida, é perfeita, imutável e eterna. É o único meio para o homem chegar à felicidade. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta. Nenhuma folha cai de uma árvore sem o consentimento do Pai e nada ocorre fora dos padrões da Natureza. Tudo que há e que acontece, é justo e tem seu devido valor.

As leis e decretos humanos se alteram e se modernizam para acompanhar os tempos. Isto se dá porque não são perfeitas, como é imperfeito o homem – ainda.

Será possível que Deus em certa época receite aos homens o que noutra época lhes proibiu?

“Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por imperfeitas. As de Deus, essas são perfeitas. A harmonia que reina no universo material, como no universo moral, se funda em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 616)

3 – ALCANCE HUMANO À LEI

A lei de Deus está escrita na consciência de cada indivíduo e todos podem alcançá-la, embora, haja quem não a compreenda. Todo aquele que a busca vive mais feliz e se torna melhor. Todavia, com uma força irresistível, a marcha do progresso promoverá que a Humanidade em geral a compreenda um dia.

Mesmo sendo acusado pela própria consciência, o homem despreza e esquece os desígnios de Deus, que por misericórdia, providencia meios de revelá-los.

“Indubitavelmente. Em todos os tempos houve homens que tiveram essa missão. São Espíritos superiores, que encarnam com o fim de fazer a Humanidade progredir”.

(Idem – Questão 622)

Mesmo os Espíritos que descem para a missão profética podem estar sujeitos a equívocos e até a falência, principalmente pela influência material.

Os que têm pretendido instruir os homens na lei de Deus não têm se enganado algumas vezes, fazendo-os transviar-se por meio de falsos princípios?

“Certamente têm dado causa a que os homens se transviassem aqueles que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, tomaram sobre si um encargo que lhes não foi cometido. Todavia, como eram, afinal, inteligentes, mesmo entre os erros que ensinaram, muitas vezes se encontram grandes verdades”.

(Idem – Questão 623)

Imperativo é separar a Lei Divina das leis humanas. As religiões julgam-se oráculos do Senhor, criam preceitos e conceitos e atribuem sua origem a Deus, escrevem cartas, livros e bibliotecas (como a Bíblia) e põem a rubrica do Altíssimo. Contudo, a totalidade da Lei de Deus não cabe dentro dos recursos limitados de nenhum dispositivo terreno.

O profeta bem-sucedido é um homem de bem tanto no discurso como nos atos. Principalmente pelo exemplo prático é que o distinguimos. E quando Kardec perguntou aos Espíritos sobre que tipo mais perfeito Deus nos ofereceu como guia e modelo, recebeu de pronto a resposta: Jesus Cristo.

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus nos oferece o Cristo como o mais perfeito modelo e a doutrina que Ele ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.

(Idem – Comentário à questão 625)

Jesus é o mais perfeito, mas não o único: em todos os tempos e em todas as culturas – respeitando o estado evolutivo –, sempre houve missionários que, acima de suas convicções ou pregações filosóficas e religiosas, deram exemplo de homens de bem. Nessa plêiade nós podemos incluir: Krishna, Sócrates, Platão, Buda, Confúcio, Maomé, Sêneca, São Francisco de Assis, Gandhi, Martin Luther King, Madre Tereza, etc.

E quanto à Doutrina Espírita? O codificador indagou sobre:

Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual a utilidade do ensino que os Espíritos dão? Terão que nos ensinar mais alguma coisa?

“Jesus muitas vezes empregava na sua linguagem alegorias e parábolas, porque falava conforme os tempos e os lugares. Faz-se preciso agora que a verdade se torne clara para todo mundo. Muito necessário é que aquelas leis sejam explicadas e desenvolvidas, tão poucos são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. A nossa missão consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas: os que vestem a capa da virtude e da religião, a fim de ocultarem suas torpezas. O ensino dos Espíritos tem que ser limpa e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão. Estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou. Daí a necessidade de que a ninguém seja possível interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade”.

(Idem – Questão 627)

4 – O BEM E O MAL

Uma vez posta a lei, cumpre-nos distinguir e praticá-la.

O homem procede bem quando faz tudo em benefícios de todos e então cumpre a lei de Deus. O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário.

Por que o mal está na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não podia ter

criado a Humanidade em melhores condições?

“Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes. Deus deixa que o homem escolha o caminho. Tanto pior para ele, se toma o caminho mau: mais longa será sua peregrinação. Se não existissem montanhas, o homem não compreenderia que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo”.

(Idem – Questão 634)

O homem tem consciência gradual do bem e do mal e livre-arbítrio para escolher. Pela justiça divina, ele está sob o julgo dos próprios atos e tanto mais responsável é quanto mais ciência tem do que faz.

Além do que, nem tudo aquilo que julgamos ser mal o é de fato. Por exemplo, as duras provas pelas quais o homem passa podem parecer momentaneamente desagradáveis (como: uma deficiência física, a convivência com pessoas antipáticas, pobreza, etc.), entretanto, assumem o papel de remédio amargo e eficaz para a cura de nossas chagas espirituais, como lições para nos resgatar da ignorância.

Desejar o mal será tão repreensível quanto praticá-lo?

“Depende. Há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando há possibilidade de se satisfazer a esse desejo. Se apenas não o pratica por falta de ocasião, é culpado quem o deseja”.

(Idem – Questão 641)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Capítulo I da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Capítulo I de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec;
“AS LEIS MORAIS”, Rodolfo Calligaris, Editora FEB.

PALAVRA ESPÍRITA

A Nova Era

”Não pensem que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não vim destruí-los, mas cumpri-los: – porque, na verdade eu digo a vocês que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste uma única letra e um único ponto”.

Jesus (Mateus, 5:17-18)

Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as dificuldades pelas quais esse povo passou destinavam-se a chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava a divindade aos homens.

Os mandamentos de Deus – dados por intermédio de Moisés – contêm o gérmen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não teriam então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser um como frontispício brilhante, igual farol destinado a clarear a estrada que a Humanidade tinha de percorrer.

A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo. Notável do ponto de vista da matéria e mesmo do das artes e das ciências, a inteligência deles muito atrasada se achava em moralidade e não se houvera convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, qual a que apresentava então a religião hebraica. Os holocaustos lhes falavam aos sentidos, do mesmo passo que a ideia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance.

São chegados os tempos em que se tem de desenvolver as ideias, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Elas têm de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e descerra as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

Um Espírito israelita

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. I, Itens: 1 e 9)

DA LEI DO TRABALHO

NECESSIDADES E LIMITES DO TRABALHO

– REPOUSO

1 – NECESSIDADES DO TRABALHO

A lei do trabalho é de Deus, que com sabedoria e justiça nos coloca diante dessa necessidade.

Por que o trabalho é imposto ao homem?

“Por ser uma consequência da sua natureza corporal. É expiação e ao mesmo tempo meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 676)

Durante as encarnações o homem coopera com a obra divina, bem como os animais e toda a Natureza trabalha, cada qual a seu modo. O trabalho desenvolve melhorias ambientais, amplia os recursos de sobrevivência e impulsiona o intelecto.

Cada criatura foi chamada pela Providência a determinado setor de trabalhos espirituais na Terra.

(VINHA DE LUZ, (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier – Cap. 2, § 5)

A dureza do serviço é proporcional ao adiantamento dos indivíduos e, com efeito, refina-se na medida em que eles se elevam moral e intelectualmente. O trabalho brutal pela sobrevivência terrena deve ser encarado como uma oficina-escola para nosso desenvolvimento e que ninguém ouse injuriar o Senhor pelo labor a que se vê obrigado a realizar.

Por isso Deus os colocou num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que tenham merecido subir a um planeta mais ditoso.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. III, Item 13)

Os constantes conflitos trabalhistas – em que alguns exploram tantos outros – e os seus efeitos – como a desigualdade social – estão condicionados ao comportamento dos homens, constituindo assim, uma tarefa a ser trabalhada, essa a de rearranjo. Os estados de pobreza (submissão trabalhista) e riqueza (patronato) são também meios de expurgos e aprimoramento, quando o Espírito paga abusos de outrora (por exemplo, para quem foi um patrão explorador) ou experimenta a diversidade para empreender suas virtudes – muitas vezes, servindo-se de exemplo para os menos espirituosos. Nessa ótica, a pobreza é prova da paciência e resignação; a riqueza, de caridade e abnegação. Allan Kardec avalia que o problema das desigualdades sociais se combate com atitude moral em três princípios: liberdade, igualdade e fraternidade. Esse é o rumo da marcha evolutiva.

A ociosidade, em vez de benefício, seria um suplício. Mas exercício é constante, mesmo para os Espíritos puros e até mesmo para Deus:

“Meu pai continua trabalhando até agora, e eu também trabalho”.

Jesus (João, 5:17)

O trabalho é, ao lado da oração, o mais eficiente antídoto contra o mal, pois conquista valores incalculáveis com que o Espírito corrige as imperfeições e disciplina a vontade. O momento perigoso para o cristão é o do ócio, não o do sofrimento nem o da luta áspera. Na ociosidade surge e cresce o mal. Na dor e na tarefa fulguram a luz da oração e a chama da fé (...).

(ESTUDOS ESPÍRITAS, (Joanna de Ângelis) Divaldo Franco – “Trabalho”, Editora FEB)

Tanto mais consciente de suas prerrogativas, mais o homem deleita-se em praticá-las, seja por seu crescimento pessoal, seja pelo coletivo da raça, seja pelo progresso físico do mundo em que habita.

2 – DESTINAÇÃO DO TRABALHO

Além do serviço material para sua sobrevivência e melhoria física, todos são chamados ao trabalho espiritual, em que se opera a evangelização e a caridade. Um exemplo prático é o compromisso dos pais em educar moralmente os filhos. Cristo nos lembrou da missão de “semear o amor”.

“Vão por todo o mundo, e preguem o Evangelho a toda criatura”.

Jesus (Marcos, 16:15)

A caridade é um serviço sublime:

“Na oração, lembro de Deus; no trabalho, lembro de mim;
na Caridade, lembro dos irmãos”.

Chico Xavier

3 – LIMITES DO TRABALHO E REPOUSO

O trabalho tem como limite a capacidade das forças de cada um. Quando um indivíduo excede, sob qualquer pretexto, ou quando alguém lhe impõe isso, guarda para si responsabilidades.

Que se deve pensar dos que abusam de sua autoridade, impondo a seus inferiores trabalho excessivo?

“Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porque, fazendo assim, transgride a lei de Deus”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 684)

De igual responsabilidade à exploração é a ociosidade. Todo aquele que não cumpre sua tarefa no campo do trabalho contrai débito.

O repouso também é uma necessidade natural em que o corpo recobra as forças e dá mais liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria. Consideremos também o lazer como parcela desse merecimento.

O detalhe é que, dentro dos intervalos de descanso, especificamente no sono, o Espírito tem a oportunidade de se desprender da matéria para topar o plano astral e se refazer para a lida grosseira.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Capítulo III da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Cap. “Liberdade, igualdade e fraternidade” de “OBRAS PÓSTUMAS”, Allan Kardec.

A verdadeira propriedade

“Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podem servir simultaneamente a Deus e a Mamom”.

Jesus (Lucas, 16:13)

O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Ele goza enquanto aqui permanece, do que encontra ao chegar e deixa ao partir. Porém, como é forçado a abandonar tudo isso, não tem a posse real das suas riquezas, mas, simplesmente, o usufruto. Então, o que é que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode tirar, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende de ele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando alguém vai a um país distante, monta a sua bagagem de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedam do mesmo modo com relação à vida futura; Encham-se de tudo o de que possam se servir lá.

Ao viajante que chega a um albergue, bom alojamento terá se puder pagar. A outro, de poucos recursos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha, vai dormir na palha. O mesmo sucede ao homem, à sua chegada no mundo dos Espíritos: depende dos seus haveres o lugar para onde vá. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinha na Terra? Que posição ocupava? Era príncipe ou operário? Perguntarão: Que traz contigo? Não se lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responderão a ele: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, puderam comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. Você é rico dessas qualidades? Seja bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. É pobre delas? Vai para um dos da última, onde será tratado de acordo com os teus haveres.

Pascal

Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui ao seu modo, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus frequentemente anula todas as previsões e a riqueza foge àquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la.

Direis, porventura, que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, porque uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém. Serão pedidas contas até mesmo de um único centavo mal ganho, isto é, com prejuízo de alguém. Mas, do fato de um homem dever a si próprio a riqueza que possua, será que ao morrer lhe venha alguma vantagem desse fato? Muitas vezes não são inúteis as precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes? Decerto, porque, se Deus não quiser que ela vá ter às mãos deles, nada prevalecerá contra a sua vontade. O homem poderá usar e abusar de seus haveres durante a vida, sem ter de prestar contas? Não. Permitindo-lhe que a adquirisse, é possível que Deus tenha tido em vista recompensar-lhe, no curso da existência atual, os esforços, a coragem, a perseverança. Se, porém, ele somente os utilizou na satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho; se tais haveres se lhe tornaram causa de falência, melhor seria não tê-los possuído, visto que perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho. Quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa.

M., Espírito Protetor

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVI, Itens, 1, 9 e 10)

DA LEI DE REPRODUÇÃO

CASAMENTO E DIVÓRCIO – CELIBATO
– CONTRACEPÇÃO E ABORTO – SEXO

1 – APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS

A lei natural de reprodução garante a continuação da vida corporal na Terra e marca o passo da marcha evolutiva, promovendo o aprimoramento das raças gradativamente.

“(…) Assim, a atual raça humana – que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem – terá sua fase de decrescimento e de desaparecimento. Outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, substituirão as anteriores como os homens civilizados de hoje vieram dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 689)

Impera entre nós grandes distinções raciais, que muitas vezes é pretexto para grandes conflitos. Mas o abismo já foi maior, ao passo que vemos ser crescente a miscigenação, mistura de raças e cultura – que é uma tendência natural e positiva.

2 – CASAMENTO E DIVÓRCIO

Na raça humana, a reprodução é atrelada à organização social e cultural. Segundo a avaliação espírita, o casamento, união permanente de um homem e uma mulher, representa um sinal de progresso, distinguindo a raça humana da dos animais, que vivem da união fortuita dos sexos apenas para a procriação. A união conjugal, porém, deve ser enlaçado pelo sentimento de amor.

(…) No casamento, o que é de ordem divina é a união dos gêneros (masculino e feminino), para que se opere a substituição dos seres que morrem (...)

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXII, Item 2)

A poligamia – união conjugal de uma pessoa com várias outras –, ainda em voga em certos povos, tende a se extinguir com o progresso social humano, pois não é conforme com a lei natural.

Se a poligamia fosse conforme à lei da Natureza, deveria ter possibilidade de tornar-se universal, o que seria materialmente impossível, dada a igualdade numérica dos sexos. Deve ser considerada como um uso ou legislação especial apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social fez que desaparecesse pouco a pouco.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Comentário à questão 701)

Lamentável é ver que o casamento ainda é instrumento de convencionalismo material.

(…) Que o espírita sincero e cristão, assumindo os seus compromissos conjugais perante as leis dos homens, busque honrar a sua promessa e a sua decisão, santificando o casamento com o rigoroso desempenho de todos os seus deveres evangélicos, ante os

preceitos terrestres e ante a imutável lei divina que vibra em sua consciência cristianizada.

(O CONSOLADOR, (pelo Espírito Emmanuel) Francisco Cândido Xavier – Questão 299)

Certas crenças e culturas impõem a indissolubilidade do casamento e impossibilitam uma segunda chance aos cônjuges moralmente já separados, condenando-os à infelicidade. Perfeito é o casamento contraído pelo propósito comum de compartilharem as vidas com amor e companheirismo. Uniões assim devem ser preservadas e zeladas pela sociedade. No entanto, há casos exatos que o divórcio é mesmo aconselhável.

O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens tem feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXII, Item 5)

As palavras de Jesus “que o homem não separe o que Deus uniu” devem ser entendidas como norma para que ninguém interfira negativamente no relacionamento de um casal – interferência externa. O divórcio, pois, é uma decisão que diz respeito aos cônjuges, e quando tal decisão é tomada é prova de que o casamento não tinha ainda a solidez suficiente para que se diga “consagrado”. Não é nenhuma cerimônia ou registro civil que estabelece a perfeita união, mas os laços de afeição, que sobrevive à matéria – estes sim, são indissolúveis.

Mas, na união dos gêneros, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Deus quis que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição é rompida. O de que se cogita, não é da satisfação do coração e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais (...).

(Idem – Cap. XXII, Item 3)

Para que o divórcio não venha, preciso é cultivar o amor e a compreensão, levando em conta ainda, que as afinidades estabelecidas na Terra continuar-se-ão no plano espiritual.

3 -- CELIBATO

Todos nós somos convidados – embora, não sejamos obrigados – à fecundação carnal e espiritual. Já os que optaram pelo celibato (abstenção do casamento) como prova de devoção a Deus nada de meritório têm nisso. Muitos o fazem com o objetivo de se pouparem das responsabilidades de uma união conjugal.

Todavia, os celibatários que sinceramente decidiram pela doação integral da vida ao serviço humanitário, estes colherão louros pelo bem que fizeram.

Não é possível que Deus se contradiga, nem que ache mau o que Ele próprio fez. Portanto, não pode haver nenhum mérito na violação da sua lei. Mas, se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, outro tanto não se dá quando, pela renúncia às alegrias da família, constitui um sacrifício praticado em prol da Humanidade. Todo sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e sem qualquer ideia egoísta, eleva o homem acima da sua condição material.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Comentário à questão 699)

4 – CONTRACEPÇÃO E ABORTO

A família tem todo o direito de fazer o planejamento familiar: quantidade de filhos e período apropriado para a gestação. No entanto, não deve considerar apenas os fatores econômicos e sociais, como é comum. Por essa ótica os Espíritos responderam a Kardec:

São contrários à lei da Natureza as leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução?

“Tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral”.

(Idem – Comentário à questão 693)

Melhor, ainda, seria não impedir a volta dos Espíritos ao corpo de carne, já que o espírita não desconhece a seriedade da planificação reencarnatória. Antes de retomarmos as experiências físicas é bem provável que tenhamos nos comprometido a receber, como filhos, um número determinado de irmãos errantes. Logo, a reprodução humana estava naturalmente acertada numa cota previamente estabelecida, quando ainda nos encontrávamos nos planos espirituais. De outra forma, louvável é o casal que abraça a missão da paternidade e maternidade com consciência de que abre os braços para acolher um necessitado que anseia pela chance de aprimorar-se através da oficina da vida corporal, onde expia os erros, experimenta suas virtudes, adianta a si mesmo e colabora com o progresso da humanidade.

Já o aborto é uma transgressão grave à lei de Deus que acarreta fortes responsabilidades aos praticantes e motivadores.

“(…) A mulher que corrompeu voluntariamente o seu centro genésico, receberá de futuro almas que viciaram a forma que lhes é peculiar, e será mãe de criminosos e suicidas, no campo da reencarnação regenerando as energias sutis do perispírito, através do sacrifício nobilitante com que se devotará aos filhos torturados e infelizes de sua carne, aprendendo a orar, a servir com nobreza e a mentalizar a maternidade pura e sadia, que acabará reconquistando ao preço de sofrimento e trabalho justos (…)”.

(AÇÃO E REAÇÃO, (André Luiz) Francisco Cândido Xavier – Cap. “Anotações oportunas”)

O ato impede que o Espírito destinado àquele nascimento venha cumprir sua missão programada, obrigando-o a se preparar em outro momento. Somente há uma justificativa válida para o aborto:

Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

“É preferível é sacrificar o ser que ainda não existe a sacrificar o que já existe”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS – Questão 353)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Capítulo IV da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Cap. XXII de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec;
Cap. XIII de “MISSIONÁRIAS DA LUZ” e “AÇÃO E REAÇÃO”, (pelo Espírito André Luiz)
Francisco Cândido Xavier, Editora FEB.

A parentela corporal e a parentela espiritual

“Pois, todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

Jesus (Mateus, 12:50)

Os laços do sangue não criam obrigatoriamente os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele não faz mais do que lhe fornecer a roupa corporal, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Muitas vezes, os que encarnam numa família – sobretudo como parentes próximos – são Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer que sejam completamente estranhos uns aos outros, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por uma mútua oposição, que aí lhes serve de provação. Não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família e sim os da simpatia e da comunhão de ideias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações. Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem então atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, conforme se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências.

Então, há duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços de sangue. As primeiras – que são duráveis – se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas – frágeis como a matéria – se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade que lhe moviam seus irmãos se acha claramente expressa em a narração de São Marcos, que diz deles terem o propósito de se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que este havia perdido o espírito. Informado da chegada deles, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: “Eis aqui meus verdadeiros irmãos”. Embora na companhia daqueles estivesse sua mãe, ele generaliza o ensino que de maneira alguma implica haja pretendido declarar que sua mãe segundo o corpo nada lhe era como Espírito, que só indiferença lhe merecia. Provou suficientemente o contrário em várias outras circunstâncias.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XIV, Item 8)

DA LEI DE REPRODUÇÃO: II

SEXUALIDADE

1 – ENERGIA SEXUAL

O perispírito é o agente que absorve e organiza as energias vitais. De acordo com as vibrações espirituais, essas energias se aglomeram potencialmente nos centros de força (chakras) dando uma característica aos impulsos. Assim, o centro frontal absorve os fluidos do intelecto, o centro cardíaco absorve os de emotividade, o centro genésico absorve os fluidos da sexualidade, etc. – este último, também chamado “chakra da base”, absorve as energias mais densas, ligadas à sobrevivência corporal, instinto de reprodução e conservação. Qualquer desequilíbrio nessa distribuição de forças pode ser gravemente prejudicial ao Espírito. A sobrecarga de energias genésicas é a mais aparente em nosso meio.

A energia sexual nada tem de profano – como algumas crenças e culturas dizem –, mas sim, é uma força natural, benéfica e essencial a todos. O abuso de sua aplicação sim é nocivo e sérias são as consequências disso.

(...) Sexo é espírito e vida, a serviço da felicidade e da harmonia do Universo. Consequentemente, reclama responsabilidade e discernimento, onde e quando se expresse. Por isso mesmo, nossos irmãos e nossas irmãs precisam e devem saber o que fazem com as energias genésicas, observando como, com quem e para que se utilizam de semelhantes recursos, entendendo-se que todos os compromissos na vida sexual estão igualmente subordinados à Lei de Causa e Efeito; e, segundo esse exato princípio, de tudo o que dermos a outrem, no mundo afetivo, outrem também nos dará.

(VIDA E SEXO, (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier – Cap. 1 “Em torno do sexo”)

Preciso é dosar os esforços físicos, mentais, espirituais, sexuais, etc. Porém, isso não implica em ter-se obrigatoriamente que praticar sexo ou abster-se abruptamente: sua energia pode ser sublimada (canalizada para outros fins úteis). Os desequilíbrios sexuais – como todos os outros – são frutos de imperfeição do indivíduo, que por sua própria atitude mental sobrecarrega-se na viciação.

O sexo – ato sexual – é uma exteriorização da força genésica que precisa estar atrelada ao elemento “amor” para que esteja conforme com a dosagem equilibrada. Como a troca dessas energias implica numa ligação mais espiritual que carnal o rompimento ou a deturpação das relações por uma das partes gera lesões afetivas a serem reparadas – muitas vezes com pesar para as reencarnações.

A Doutrina Espírita apresenta a sexualidade despida da conotação religiosa dogmática que consagrou o sexo pecaminoso, sujo, proibido e demoníaco. Todavia, não legitima o enquadramento da sociedade atual que consubstanciou o sexo como objeto de consumo, devasso e trivial. A proposta spiritista é da energia criadora que necessita estar sedimentada pela lógica e pelo sentimento, pelo respeito e entendimento, pela fidelidade e amor, a fim de propiciar a excelsitude e a paz, ou seja, “Um sexo para a vida e não uma vida para o sexo”.

Jorge Hessen

(Artigo: “MASTURBAÇÃO – MITOS E CONSEQUÊNCIAS SEGUNDO O ESPIRITISMO”,
Site: www.garanhunespirita.com.br)

2 – OBSESSÃO SEXUAL

A sobrecarga das forças sexuais possibilita a obsessão sexual, em que o vampirismo é um efeito comum. Um obsidiado desse gênero crê que a medida de sua felicidade é proporcional à quantidade de sexo e à sobreposição dele em relação aos outros indivíduos a quem submete aos seus caprichos. Soma-se a isso o consumismo egoísta da sociedade que faz do sexo um produto materialista. O resultado é que o viciado em sexo vai comer, beber e sonhar sexo, cedendo à carne e fraquejando o Espírito – assim como um chocólatra entope-se de chocolate. Nisso, os vampiros espirituais do mesmo nível (sensuais, chocólatras, etc.) aproveitam para sugar-lhes as energias.

3 – SEXO DOS ESPÍRITOS

Atente para a pergunta de Kardec:

Os Espíritos têm sexos?

“Não da forma como entendem, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 200)

“Organização” aqui sugere que o corpo espiritual não tem organismo, órgão sexual, donde se conclui que não há gênero masculino ou feminino. Logo, não há o ato físico, mas o puro sexo, que é a troca de amor fraterno.

As feições de homem ou mulher que se pode ver nas mediunidades dizem respeito à condição do perispírito ainda imprimir as formas materiais da encarnação recente.

3 – HOMOSSEXUALIDADE, BISSEXUALIDADE E TRANSEXUALIDADE

O Espírito não tem gênero e encarna ora homem, ora mulher. É normal que ao planejar sua decida à matéria ele não tenha preferência por este ou aquele tipo de corpo, mas leva em conta a utilidade da sua viagem carnal (expição, provas e missão). Em dadas circunstâncias, pode ser mais conveniente nascer masculino e em outras, feminino.

Não sendo essencialmente nem um nem outro, precisa aprender a atuar como ser másculo e como fêmea, de acordo com os padrões circunstanciais – que por si só já é grande teste. Na pele de homem, sofre os conflitos inerentes a esta condição (virilidade, machismo, paternidade, etc.); na pele de mulher, idem (subordinação, fragilidade física, maternidade, etc.)

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo.

Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona proações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.

(Idem – Comentário à questão 202)

Então, para compreendermos os conflitos sexuais, como a homossexualidade, imaginemos que além do gênero masculino e feminino exista mais uma: o gênero homossexual, em que experimentará vestir um corpo macho com tendências femininas e depois nascer mulher com tendências de macho. Logo, se existe a chamada “dor de ser homem” e “dor de ser mulher”, existe a “dor de ser homossexual”. Todos esses matizes sexuais são elementos que se somam a outros na hora de compor o programa reencarnatório, como também são: cor da pele, altura, etc. Segundo o Espiritismo, a opção sexual é assunto íntimo de cada um que merece nosso respeito, pois a condição de uma pessoa encarnada é sempre transitória e acompanha o processo evolutivo. Se a perfeição é a de não haver

distinção do gênero sexual, como podemos querer impor um padrão para o comportamento sexual no andar da carruagem? Nesse caso, a convicção de cada um serve apenas para si mesmo.

Além disso, devemos considerar a filogênese (história evolutiva da espécie humana) e ver que, até nosso organismo chegar ao ponto atual, regressando pelos estados inferiores, muitas transformações se deram e outras podem vir. Essas mutações geram confusões de conduta. Disfunções e estado confuso acerca da sexualidade tem ligações cármicas, bem como impotência, sexismo (discriminação ao sexo), machismo, misandria (aversão aos homens), misoginia (aversão às mulheres), etc.

O nível de preconceito ou de escândalo que o homossexualismo, o bissexualismo e o transexualismo ainda causa reflete quão intransigente, orgulhosa e pejorativa é a sociedade. Por trás da exigência de um comportamento que se deve cumprir, está a incapacidade de entendimento espiritual, tolerância e amabilidade para com os outros.

Até pouco tempo, todo aquele que não se enquadrasse nos moldes normais dos costumes sexuais da sociedade era legalmente considerado doente, pendendo para a delitosa – o que ainda ocorre em certos povos. Felizmente, marchamos para a compreensão, e a Doutrina Espírita vem nos dizer que a sublimação em relação às energias sexuais é percorrer longo caminho evolutivo de experiências – com provas e expiações –, cabendo ao espírita-cristão a tarefa de não condenar nem constranger o irmão em meio a essa caminhada, pois, quem pode garantir que um esteja atrás ou à frente do outro? Da mesma forma que, da ignorância à intelectualidade se percorre extensa caminhada, os mais atrasados não podem ser estigmatizados como doentes ou delinquentes.

Importante mencionar ainda que, a nossa verdadeira personalidade só é plena na vida espiritual – como Espírito: quando encarnamos, a nossa alma – ou a nossa mente, como dizem os materialistas – não tem total domínio da nossa personalidade, pois está sob influência das sensações materiais, o que nos leva a ponderar que mesmo os dons intelectuais e morais que o Espírito tem lá em cima, ficam embaraçados no corpo físico. Então, quem pode medir com precisão a “altura” de um e de outro?

Entanto, os crimes sexuais – como estupro e pedofilia – podem e devem resultar em responsabilidades civis, cujas punições a sociedade deve impor com o rigor devido: não com instinto de vingança, mas de justiça.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: “VIDA E SEXO”, (pelo Espírito Emmanuel) Francisco Cândido Xavier, Editora FEB;
“SEXO E DESTINO”, (pelo Espírito André Luiz) Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

PALAVRA ESPÍRITA

Perante o sexo

Nunca zombe do sexo, porque o sexo é manancial de criação divina, que não pode se responsabilizar pelos abusos daqueles que o desonram.

* * *

Psicologicamente, cada pessoa conserva, em matéria de sexo, problemática diferente.

* * *

Em qualquer área do sexo, reflita antes de se comprometer, de vez que a palavra empenhada gera vínculos no espírito.

* * *

Não tente padronizar as necessidades afetivas dos outros por suas necessidades afetivas, porque embora o amor seja luz uniforme e sublime em todos, o entendimento e posição do amor se graduam de mil modos na senda evolutiva.

* * *

Use a consciência, sempre que se decidir ao emprego de suas faculdades genésicas, imunizando-se contra os males da culpa.

* * *

Em toda comunicação afetiva, recorde a regra áurea: "não faça a ninguém o que não deseja que alguém lhe faça".

* * *

O trabalho digno que lhe assegure a própria subsistência é sólida garantia contra a prostituição.

* * *

Não arme ciladas para ninguém, notadamente nos caminhos do afeto, porque você se precipitará dentro delas.

* * *

Não queira a sua felicidade ao preço do infortúnio alheio, porque todo desequilíbrio da afeição desvairada será corrigido, à custa da afeição torturada, através da reencarnação.

* * *

Se alguém errou na experiência sexual, consulte o próprio íntimo e verifique se você não teria incorrido no mesmo erro se tivesse oportunidade.

* * *

Não julgue os supostos desajustamentos ou as falhas reconhecidas do sexo e sim respeite as manifestações sexuais do próximo, tanto quanto você pede respeito para aquelas que lhe caracterizam a existência, considerando que a comunhão sexual é sempre assunto íntimo entre duas pessoas, e, vendo duas pessoas unidas, você nunca pode afirmar com certeza o que fazem; e, se a denúncia quanto à vida sexual de alguém é formulada por parceiro ou parceira desse alguém, é possível que o denunciante seja mais culpado quanto aos erros havidos, de vez que, para saber tanto acerca da pessoa apontada ao escárnio público, terá compartilhado das mesmas experiências.

* * *

Em todos os desafios e problemas do sexo, cultive a misericórdia para com os outros, recordando que, nos domínios do apoio pela compreensão, se hoje é o seu dia de dar, é possível que amanhã seja o seu dia de receber.

(SINAL VERDE, (Espírito André Luiz) Francisco Cândido Xavier – Cap. 45)

DA LEI DE CONSERVAÇÃO

□ NECESSÁRIO E O SUPÉRFLUO – VEGETARIANISMO

1 – INSTINTO DE CONSERVAÇÃO

A lei natural de conservação é plantada no íntimo de cada um, sendo esse instinto mais maquinal em uns e mais racional em outros. O amor à vida nos é necessário, até como antídoto contra o suicídio e perigos físicos.

“Porque todos têm que contribuir para cumprimento dos desígnios da Providência. Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem se aperceberem disso”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 703)

As substâncias vitais para a sobrevivência corporal – como a alimentação – são mais ou menos grosseiras conforme o progresso dos mundos habitados, bem como as suas disposições e os meios de obtê-las.

Afora isso, nosso modo de vida implicar em como nos preservamos.

Visto que os sofrimentos deste mundo nos elevam, se os suportarmos devidamente, acontecerá que também nos elevam os que nós mesmos nos criamos?

“Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não contribuem para o bem de ninguém. Supõem que se adiantam no caminho do progresso os que abreviam a vida, mediante rigores sobre-humanos, como o fazem os fanáticos de muitas religiões? Por que de preferência não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Vistam o indigente; consolem o que chora; trabalhem pelo que está enfermo; sofram privações para alívio dos infelizes e então suas vidas serão úteis e, portanto, agradáveis a Deus. Sofrer alguém voluntariamente, apenas por seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade: tais os preceitos do Cristo”.

(Idem – Questão 726)

O procedimento humano visando sua sobrevivência começa pelo instinto e, aprimorando-se, obedece à inteligência.

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação (...).

A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma. Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. III, Itens: 11 e 12)

2 – RECURSOS NATURAIS

Além dessa vontade natural de viver e da necessidade de autodefesa, a Divina

Providência cuida para que o homem tenha meios para sua subsistência. Os conflitos nascem a partir de quando o indivíduo desdenha a relação entre o necessário e o supérfluo. Nosso planeta é uma excelente mãe e produz sempre o bastante. Se há desigualdades na distribuição dos seus recursos é por causa da imperícia ou imprevidência humana.

A culpa está no “(...) egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que lhes cumpre. Depois e as mais das vezes, devem a si mesmos. Busquem e acharão; estas palavras não querem dizer que, para achar o que deseje, basta que o homem olhe para a terra, mas que lhe é preciso procurá-lo, não com indolência, e sim com ardor e perseverança, sem desanimar ante os obstáculos, que muitas vezes são simples meios de que Deus se utiliza, para experimentar a constância, paciência e firmeza dos homens”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 707)

O estado de penúria por qual passam certos indivíduos, em os meios de sobrevivência são realmente escassos, está relacionado às provas que o Espírito escolhe passar, seja para executar seus dons de superação, seja por expiação (por abusos em outras passagens corporais). Àquele que outrora foi guloso, opulento, avarento e egoísta, cumpre passar pela fileira da miséria e experimentar resignado o preço do desperdício.

Nem todos, porém, compreendem o significado das necessidades orgânicas e descamba para os meios ilícitos de sobrevivência e satisfação pessoal.

Terão cometido crime os que, em certas situações críticas, se viram na obrigação de sacrificar seus semelhantes, para matar a fome? Se houve crime, este não teve a atenuá-lo a necessidade de viver, que resulta do instinto de conservação?

“Já respondi, quando disse que há mais merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. Em tal caso, há homicídio e crime de lesa-natureza, falta que é duplamente punida”.

(Idem – Questão 709)

3 – O NECESSÁRIO E O SUPÉRFLUO

Além da necessidade propriamente dita, o homem tem a sensação de gozo pelo uso dos bens materiais, o que constitui um direito concedido por Deus dentro dos limites e um meio de instigá-lo ao cumprimento das suas missões encarnatórias. Também é uma via de testá-lo por meio da tentação.

Qual o objetivo dessa tentação?

“Desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos”.

(Idem – Questão 712-a)

A própria natureza pune certos abusos humanos. Por exemplo, o mal-estar físico provocado pelo excesso alimentar. O limite entre o necessário e o supérfluo está na consciência, cuja intuição se desenvolve na medida em que o indivíduo avança moral e intelectualmente.

Nada tem de absoluto o limite entre o necessário e o supérfluo. A Civilização criou necessidades que o selvagem desconhece e os Espíritos que ditaram os preceitos acima não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão regradar as coisas. A Civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva os homens a se prestarem mútuo apoio. Os que vivem à custa das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização. Desta têm apenas o verniz, como muitos há que da religião só têm a máscara.

(Idem – Comentário à questão 717)

É uma obrigação humana o cumprimento dos meios de autoconservação (alimentação, higiene, saúde, etc.). O bem-estar é um item da lei de conservação, mas regulada pelos

direitos e deveres. O conforto nada tem de errado, desde que não seja à custa alheia.

4 – ABSTINÊNCIA E VEGETARIANISMO

Já a ideia de alcançar maior aproximação com Deus por meio de ascetismo, flagelo do corpo, jejuns e recolhimentos não surtem o efeito esperado porque simplesmente limita as capacidades individuais e nenhum proveito resulta à sociedade. Que proveito há em privar-se do alimento necessário ao organismo e que está à mesa? Meritória é a partilha, quanto mais sacrificante. Não é verdade que o jejum é mais cerimonial do que gesto de amor e caridade?

“Quando jejuarem, não se mostrem contristados como os hipócritas; porque eles desfiguram os seus rostos, para que os homens vejam que estão jejuando. Em verdade eu digo a vocês que eles já receberam a sua recompensa”.

Jesus (Mateus, 6:16)

A abstinência de carne é um ato físico que implica em consequências de ordem corporal: é uma questão de saúde. Deve-se evitar alimentos prejudiciais ao funcionamento regular do corpo, sejam eles, carne, álcool, açúcar, etc. Ser vegetariano ou carnívoro não estabelece o nível moral da pessoa.

“Dada a constituição física humana, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização”.

(Idem – Questão 723)

Sobre alimentação carnívora, estudaremos mais na lição seguinte.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. V da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Itens: 11 a 19 (sobre “Instinto e inteligência”) do cap. III de “A GÊNESE”, Allan Kardec;
Cap. XXV de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec.

PALAVRA ESPÍRITA

Observem os pássaros no céu

“Não acumulem tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulem tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; pois onde está o seu tesouro aí está também o seu coração”.

“Eis por que digo a vocês: Não se inquietem por saber onde acharão o que comer para sustento da vida, nem de onde tirarão vestes para cobrir o corpo. A vida não é mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes? Observem os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas, o Pai celestial os alimenta. Vocês não são muito mais do que eles? E qual, dentre vocês o que pode, com todos os seus esforços, aumentar de um milímetro a sua estatura? Por que também se inquietam pelo vestuário? Observem como crescem os lírios dos campos: não trabalham, nem fiam; entretanto, eu os declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos – que existe hoje e amanhã será lançada na fogueira –, quanto maior cuidado não terá em vesti-los, ó homens de pouca fé! Então, não se inquietem dizendo: Que comeremos? Ou: que beberemos? Ou: de que nos vestiremos? Como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque o Pai sabe que têm necessidade delas”.

“Busquem primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas lhes serão dadas de acréscimo. Assim, pois, não se ponham inquietos pelo dia de amanhã, pois o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal”.

Jesus (Mateus, 6:19-21 e 25-34)

Interpretadas à letra, essas palavras seriam a negação de toda providência, de todo trabalho e, conseqüentemente, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem se limitaria a esperar passivamente. Suas forças físicas e intelectuais se conservariam inativas. Se tal fosse a sua condição normal na Terra, ele jamais teria saído do estado primitivo e, se dessa condição fizesse ele a sua lei para a atualidade, só lhe caberia viver sem fazer coisa alguma. Não pode ter sido esse o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que disse de outras vezes, com as próprias leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los.

Portanto, não se deve ver nessas palavras mais do que uma poética alegoria da Providência, que nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre acode com um auxílio material, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade.

Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus fá-lo sofrer as conseqüências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro.

A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. Assim, o rico irá se considerar como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo centuplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão. Daí Jesus ter dito: “Não acumulem tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulem no céu, onde são eternos.” Em outros termos: não deem para os bens materiais mais importância do que aos espirituais e saibam sacrificar os primeiros aos segundos.

A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXV, Itens: 6 a 8)

DA LEI DE DESTRUIÇÃO

OBJETIVOS E LIMITES DA DESTRUIÇÃO – FLAGELOS E GUERRAS – PENA DE MORTE

1 – DESTRUIÇÃO E RENOVAÇÃO

A harmonia da Natureza é mantida, entre outras coisas, pelo ciclo de destruição e renovação e pela cadeia alimentar. A destruição necessária entre os seres vivos é pretexto de indignação de certas pessoas que chegam a mesmo a duvidar da perfeição das leis naturais.

Para quem apenas vê a matéria e restringe a sua visão à vida presente, na prática, isso há de parecer uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que formam dela, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão de que dispõem apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual – considerado em sua verdadeira essência – e o da grande lei de unidade – que constitui a harmonia da criação – pode dar ao homem a chave desse mistério e lhe mostrar a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

(A GÊNESE, Allan Kardec – Cap. III, Item 20)

A lei de destruição é de Deus, mas imperioso é entendê-la bem: seus fins e limites.

“As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 728-a)

Os corpos orgânicos são simples instrumentos de que os Espíritos se servem. Pela natureza das coisas, esses organismos requerem manutenção por meio de matéria orgânica, pois são estas que contêm os nutrientes necessários. Então, um corpo se nutre de outro corpo, permanecendo indiferente o Espírito. Vão-se os corpos, ficam-se os Espíritos, que mais tarde tomará outro envoltório.

Nos mundos mais adiantados, os corpos são menos densos e os meios de sobrevivência são mais aprimorados. Nesse rumo também marcha o modo terráqueo de viver, ao ritmo do progresso moral e intelectual da Humanidade.

2 – LIMITES DA DESTRUIÇÃO

O desenvolvimento intelectual nos ativa a consciência sobre a destruição necessária e a

destruição abusiva. No princípio, impera o instinto em que a luta pela sobrevivência se restringe à satisfação das carências materiais. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida,

Restringindo o exame desta questão apenas ao procedimento do homem – que é o que mais nos interessa –, aprendemos com a Doutrina Espírita que a matança de animais – bárbara sem dúvida – foi, é e será por mais algum tempo necessária aqui na Terra, devido a suas grosseiras condições de existência. À medida, porém, que os terráqueos se depurem – sobrepondo o espírito à matéria –, o uso de alimentação carnívora será cada vez menor, até desaparecer definitivamente, igual se verifica nos mundos mais adiantados que o nosso. Aprendemos, mais, que em seu estado atual o homem só é escusado (da responsabilidade) dessa destruição na medida em que tenha de prover ao seu sustento e garantir a sua segurança. Fora disso, quando, por exemplo, se empenha em caçadas pelo simples prazer de destruir, ou em esportes mortíferos, como as touradas, o “tiro aos pombos”, etc., terá que prestar contas a Deus por esse abuso, que revela, aliás, predominância dos maus instintos.

(AS LEIS MORAIS, Rodolfo Calligaris – Cap. “A lei de destruição”, Editora FEB)

Como é de praxe, a ação destrutiva pelo homem está sujeita à lei de causa e efeito.

Que se deve pensar da destruição, quando ultrapassa os limites que as necessidades e a segurança traçam? Da caça, por exemplo, quando não objetiva senão o prazer de destruir sem utilidade?

“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades; enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 735)

3 – FLAGELOS E GUERRAS

Essa geração é contemporânea de flagelos horríveis (guerras, enchentes, secas, etc.), em que perecem pessoas de toda sorte – dentre elas, multidões de inocentes, julgamos. E aí se pergunta por que Deus fere a Humanidade com tal horror?

“Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos que a destruição é uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? É preciso que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Vocês só julgam somente do ponto de vista pessoal humano; daí vem que os qualificam de flagelos, por efeito do prejuízo que lhes causam. Essas subversões, porém, são frequentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos”.

(Idem – Questão 736)

A Doutrina Espírita nos ensina a compreender as causas e os objetivos dos flagelos na observação dos frutos eternos que o Espírito colhe, seja expiando ou provando suas aptidões frente às efêmeras desgraças pelas quais passa na Terra. Ademais, quem pode julgar a inocência de alguém, levando em conta tão curto tempo que é uma encarnação?

“Se considerassem a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe dariam. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar”.

(Idem – Questão 738-b)

Não temos observado surgir grandes soluções após grandes calamidades? Os flagelos

proporcionam ao homem ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar sua paciência e resignação ante a vontade de Deus, de desinteresse e de amor ao próximo, se o não domina o egoísmo.

Dado é ao homem prevenir os flagelos que o afligem?

“Em parte, é; porém, não como geralmente vocês entendem. Muitas desgraças resultam da imprevidência do homem. À medida que adquire conhecimentos e experiência, ele vai podendo conjurá-los, isto é, prevenir, se sabe pesquisar suas causas. Contudo, entre os males que afligem a Humanidade, alguns há de caráter geral, que estão nos decretos da Providência e dos quais cada indivíduo recebe, mais ou menos, o contragolpe. A esses o homem nada pode opor, a não ser sua submissão à vontade de Deus. Esses mesmos males, entretanto, ele muitas vezes os agrava pela sua negligência”.

(Idem – Questão 741)

A sabedoria divina ora estabelece os flagelos como oportunidade de resgate, em que uma multidão de Espíritos (aprovados no teste) adquire passaporte para um mundo melhor. Mas também consideremos que os desastres quase sempre são resultados da ação errônea do homem contra seu semelhante e contra a Natureza.

Algum dia, a guerra desaparecerá da face da Terra?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos”.

(Idem – Questão 743)

4 – ASSASSÍNIO E PENA DE MORTE

Ao contrário dos animais, que se destroem para sobrevivência e que não têm livre-arbítrio (pois falta a inteligência e, portanto, a responsabilidade), não é permitido ao homem ferir seu próximo e o assassinio é grande crime, seja pela barbárie do ato, seja por que corta o fio de uma existência expiatória ou de missão.

Em caso de legítima defesa, Deus desculpa o assassinio?

“Só a necessidade pode desculpá-lo. Mas, desde que o agredido possa preservar sua vida, sem atentar contra a de seu agressor, deve fazê-lo”.

(Idem – Questão 748)

Dizem os mentores espirituais da codificação que os soldados de uma guerra não são culpados pelos assassinatos, pois são constrangidos pela força, exceto se houver crueldade, pelo gosto de matar. Entretanto, não é possível dizer o mesmo aos causadores das guerras.

A pena de morte é crime. As contravenções civis podem e devem ser punidas pela sociedade, mas não com o ato fatal.

A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua vida. Não usará ele desse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?

“Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar a porta do arrependimento ao criminoso”.

(Idem – Questão 761)

O regimento penal humano deve se nortear rumo à reeducação dos infratores: punição sim, mas justa e eficaz, preservando a sociedade da criminalidade, mas com respeito ao indivíduo – irmão nosso – que está na condição inferior. Não sendo a perfeição deste mundo, deve-se confiar acima de tudo na justiça divina e lembrando sempre do mandamento de Cristo: “Tudo quanto desejam que os outros lhes façam, façam vocês também a todos”.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. VI da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Ítems: 20 a 24 (“Destruição dos seres vivos uns pelos outros” de “A GÊNESE”, A. Kardec

Caridade para com os criminosos

*“Façam aos homens tudo o que queiram que eles lhes façam,
pois é nisto que consistem a lei e os profetas”.*

Jesus (Mateus, 7:12)

A verdadeira caridade constitui um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Completa fraternidade deve existir entre os verdadeiros seguidores da sua doutrina. Devem amar os desgraçados e os criminosos como criaturas que são, de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, caso se arrependeram, como também a vocês, pelas faltas que cometem contra a Lei Divina. Considerem que são mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem negarem perdão e piedade, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como vocês conhecem, e muito menos lhes será pedido do que a vocês.

Não julguem! Oh! Não julguem absolutamente, meus caros amigos, porque o juízo que proferirem ainda mais severamente lhes será aplicado e precisam de indulgência para os pecados em que sem cessar caem. Ignoram que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer como faltas leves considera?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dão, nem mesmo nas palavras de consolação que lhe aditem. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vocês. A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que usem sempre e em todas as coisas para com o próximo. Podem ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as suas esmolas, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo.

Estão próximos os tempos, repito-o, em que nesse planeta reinará a grande fraternidade, em que os homens obedecerão à lei do Cristo, lei que será freio e esperança e conduzirá as almas às moradas ditosas. Amem-se, pois, como filhos do mesmo Pai; não estabeleçam diferenças entre os outros infelizes, pois quer Deus que todos sejam iguais; a ninguém desprezem. Permite Deus que entre vocês se achem grandes criminosos, para que se sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens se encontrarem submetidos às verdadeiras leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinamentos: todos os Espíritos impuros e revoltados serão relegados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações.

Àqueles de quem falo, vocês devem o socorro das preces: é a verdadeira caridade. Não lhes cabe dizer de um criminoso: “É um miserável; deve-se expurgar da sua presença a Terra; muito branda é, para um ser de tal espécie, a morte que lhe infligem”. Não, não é assim que lhes compete falar. Observem o modelo: Jesus. Que diria Ele, se visse junto de Si um desses desgraçados? Iria lamentá-lo; considerá-lo um doente bem digno de piedade; estenderia a mão a ele. Em realidade, não podem fazer o mesmo; mas, pelo menos, podem orar por ele, assistir-lhe o Espírito durante o tempo que ainda haja de passar na Terra. Pode ele ser tocado de arrependimento, se orarem com fé. É tanto próximo, como o melhor dos homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a sua, para se aperfeiçoar; pois, ajudem-no a sair do lameiro e orem por ele.

Elisabeth de França

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XI, Itens: 2 e 14)

DA LEI DE SOCIEDADE

VIDA SOCIAL E ISOLAMENTO – FAMÍLIA

1 – VIDA SOCIAL E ISOLAMENTO

Deus fez o homem para viver em sociedade e a vida social é um meio imprescindível para seu aprimoramento. As reencarnações são oportunidades de convivência em que os indivíduos têm a oportunidade de se ajudarem mutuamente no caminho da luz, aumentando os laços de simpatia e reparando as desavenças. Na vida corporal, a necessidade recíproca é o mais saliente traço para a sobrevivência.

Por sua vez, o isolamento é contrário à lei natural de Deus: representa anacronismo, uma fuga, um egoísmo e a total inutilidade.

“O homem tem que progredir. Isolado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as capacidades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No isolamento, ele se embrutece e murcha”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 768)

É no confronto de ideias que o intelecto se desenvolve e se experimenta; no confronto de temperamentos que se aprende e exercita a humildade, a paciência, a tolerância e a caridade com os irmãos.

Vocês são chamados a estar em contato com Espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choquem a nenhum daqueles com quem estiverem.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVII, Item 10)

Aquele que busca na solidão a fuga ao que é pernicioso no mundo age egoisticamente. A cura contra as tentações materiais está na abnegação mediante o confronto, não na fuga.

Que pensar do voto de silêncio prescrito por algumas seitas, desde a mais remota antiguidade?

“Perguntem antes a vocês mesmos se a palavra é faculdade natural e por que Deus a concedeu ao homem. Deus condena o abuso e não o uso das capacidades que lhe emprestou. Entretanto, o silêncio é útil, pois no silêncio vocês põem em prática o recolhimento; teu espírito se torna mais livre e pode entrar em comunicação conosco. Mas o voto de silêncio é uma tolice. Sem dúvida os que consideram essas privações como atos de virtude obedecem a boa intenção, mas se enganam, porque não compreendem suficientemente as verdadeiras leis de Deus”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 772)

2 – LAÇOS DE FAMÍLIA

Na vida animal, o afeto dos progenitores pelos filhotes é puramente instintivo, objetivando a preservação da espécie. Logo que esses seres podem cuidar de si mesmos, estão eles com a sua tarefa concluída. Coisa muito distinta são os laços familiares na raça humana, cuja instituição, a sociedade tem por dever honrar e fortalecer.

“(…) Há no homem alguma coisa mais, além das necessidades físicas: há a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis por que os segundos constituem uma lei da

Natureza. Por essa forma, Deus quis que os homens aprendessem a se amarem como irmãos”.

(Idem – Questão 774)

Pai, mãe e filhos têm prerrogativas e obrigações particulares dentro de um lar visando o equilíbrio de todos. Porém, acrescente a isso as tarefas espirituais previamente estudadas quando do planejamento encarnatório. Comumente, os Espíritos reencarnam entre velhos conhecidos – semelhantes e antipáticos – com diferentes fins.

“(…) A família é abençoada escola de educação moral e espiritual, oficina santificante onde se lapidam caracteres; laboratório superior em que se caldeiam sentimentos, estruturam aspirações, refinam ideias, transformam mazelas antigas em possibilidades preciosas para a elaboração de misteres santificante (…)”.

(APÓS A TEMPESTADE, (Joanna de Ângelis) Divaldo Franco – Cap. “Filhos ingratos”)

Nessa escola acham-se entrelaçados devedores e credores de outrora, concorrendo para o aprimoramento mútuo.

Os laços do sangue não criam obrigatoriamente os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, pois o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corporal, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XIV, Item 8)

É nosso dever de cristão sermos gratos com o carinho que recebemos dos parentes simpáticos e caridosos com os antagônicos. Soma-se a tudo isso, os novos moldes familiares, em que sob o mesmo teto se agregam parentes e relações de outros graus (avós, tios, padrasto, madrasta, enteados, filhos adotivos, etc.)

A vida em família, para que atinja suas finalidades maiores, deve ser vivenciada dentro dos padrões de moralidade e solidariedade. A família é uma instituição divina cuja finalidade precípua consiste em estreitar os laços sociais, ensejando-nos o melhor modo de aprendermos a amar-nos como irmãos.

(AS LEIS MORAIS, Rodolfo Calligaris – Cap. “A família”)

Uma dúvida comum aos leigos é se a morte desfaz os laços familiares, pois a dor e a saudade dos entes queridos que partiram da vida corporal estrangula o coração de muitos. Eis que o Espiritismo vem nos esclarecer: os verdadeiros laços familiares são eternos e no plano espiritual os semelhantes se convivem e saboreiam melhor a fraternidade.

Não nos esqueçamos das palavras de Jesus sobre quem são seus verdadeiros irmãos (Mateus, 12: 46-50). Façamos crescer os laços de amor e amizade entre todos – parentes carnis ou não – e criemos uma grande família espiritual. Amemos nossos pais, e os pais dos outros; amemos nossos filhos, e os filhos dos outros; amemos nossa família carnal, e aumentemos nossa família espiritual.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. VII da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Cap. XIV de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec;
“QUEM AMA CUIDA”, Américo Canhoto, Editora Petit.

A família como Instrumento de Redenção Espiritual

...Reconcilia-te com o teu adversário – advertiu Cristo – enquanto estás a caminho com ele.

E não é precisamente no círculo aconchegante da família que estamos a caminho com aquele que a nossa insensatez converteu em adversário?

O Espiritismo coloca, pois, sob perspectiva inteiramente renovada e até inesperada, além de criativa e realista, a difícil e até agora inexplicável problemática do inter-relacionamento familiar. Se um membro de nossa família tem dificuldades em nos aceitar, em nos entender, em nos amar, podemos estar certos de que tais dificuldades foram criadas por nós mesmos num relacionamento anterior em que as nossas paixões ignoraram o bom senso.

-- E a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas, donde se origina? Perguntou Kardec aos seus instrutores (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Pergunta 389). “São Espíritos antipáticos que se adivinham e reconhecem, sem se falarem”.

O ponto de encontro de muitas dessas antipatias, que necessitam do toque mágico do amor e do entendimento, é a família consanguínea, célula de um organismo mais amplo que é a família espiritual, que por sua vez, é a célula da instituição infinitamente mais vastas que são a família mundial e, finalmente, a universal.

A Doutrina considera a instituição do casamento como instrumento do “progresso na marcha da humanidade” e, reversamente, a abolição do casamento como “uma regressão à vida dos animais”. (Questões 695 e 696, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS). Como vimos há pouco, é também essa a opinião dos cientistas especializados responsáveis.

Ao comentar as questões indicadas, Kardec acrescentou que “O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas”.

No que, mais uma vez, estão de acordo estudiosos do problema do ponto de vista científico e formuladores e divulgadores da Doutrina Espírita.

Isto nos leva à delicada questão do divórcio, reconhecido como uma das principais causas desagregadoras do casamento e, por extensão, da família.

O problema da indissolubilidade do casamento foi abordado pelos Espíritos, de maneira bastante sumária, na Questão 697. Perguntados sobre se “Está na lei da Natureza, ou somente na lei humana a indissolubilidade absoluta do casamento”, responderam na seguinte forma: “É uma lei muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis”.

O que, exatamente, quer dizer isso?

Em primeiro lugar, convém chamar a atenção para o fato de que a resposta foi dada no contexto de uma pergunta específica sobre a indissolubilidade absoluta. Realmente, a lei natural ou divina não impõe inapelavelmente um tipo rígido de união, mesmo porque o livre arbítrio é princípio fundamental, direito inalienável do ser humano. “Sem o livre arbítrio – consta enfaticamente da Questão 843 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS – o homem seria máquina”.

A lei natural, por conseguinte, não iria traçar limites arbitrários às opções humanas, encadeando homens e mulheres a um severo regime de escravidão, que poderá conduzir a situações calamitosas em termos evolutivos, resultando em agravamento dos conflitos, em

lugar de resolvê-los, ou pelo menos atenuá-los.

Ademais, como vimos lembrando repetidamente, o Espiritismo não se propõe a ditar regras de procedimento específico para cada situação da vida. O que oferece são princípios gerais, é uma estrutura básica, montada sobre a permanência e estabilidade de verdades testadas e aprovadas pela experiência de muitos milênios. Que dentro desse espaço se movimente a criatura humana no exercício pleno de seu livre arbítrio e decida o que melhor lhe convém, ante o conjunto de circunstâncias em que se encontra.

Quase sempre o casamento é compromisso espiritual previamente negociado e acertado, ainda que nem sempre aceito de bom grado pelas partes envolvidas. São muitos, senão maioria, os que se unem na expectativa de muitos anos de turbulência e mal-entendidos porque estão em débito com o parceiro que acolhem, precisamente para que se conciliem se ajustem, se pacifiquem e se amem ou, pelo menos, se respeitem e estimem.

Mergulhados, porém, na carne, os bons propósitos do devedor, que programou para si mesmo um regime de tolerância e autocontrole, podem falhar. Como também pode exorbitar da sua desejável moderação o parceiro que vem para receber a reparação, e em lugar de recolher com serenidade o que lhe é devido (e outrora lhe foi negado) em atenção, apoio, segurança e afeto, assume a atitude do tirano arbitrário que, além de exigir com intransigência o devido, humilha, oprime e odeia o parceiro que, afinal de contas, está fazendo o possível, dentro das suas limitações, para cumprir seu compromisso. Nesses casos, o processo de ajuste – que será sempre algo difícil, mas poderá desenrolar-se em clima de mútua compreensão – converte-se em vingança irracional.

Numa situação dessas, mais frequentes do que poderíamos supor, a indissolubilidade absoluta a que se refere a Codificação seria, de fato, uma lei antinatural. Se um dos parceiros da união, programada com o objetivo de promover uma retificação de comportamento, utilizou-se insensatamente da sua faculdade de livre escolha, optando pelo ódio e a vingança, quando poderia simplesmente recolher o que lhe é devido por um devedor disposto a pagar, seria injusto que a lei recusasse a este o direito de recuar do compromisso assumido, modificar seus termos, ou adiar a execução, assumindo, é claro, todas as responsabilidades decorrentes de seus atos, como sempre, aliás.

A lei divina não coonest a violência que um parceiro se disponha a praticar sobre o outro. Além do mais, a dívida não é tanto com o indivíduo prejudicado quanto com a própria lei divina desrespeitada. No momento em que arruinamos ou assassinamos alguém, cometemos, claro, um delito pessoal de maior gravidade. É preciso lembrar, contudo, que a vítima também se encontra envolvida com a lei, que, paradoxalmente, irá exhibir a reparação da falta cometida, não para vingá-la, mas para desestimular o faltoso, mostrando-lhe que cada gesto negativo cria a sua matriz de reparação. O Cristo foi enfático e preciso ao ligar sempre o erro à dor do resgate. “Vai e não peque mais, para que não te aconteça coisa pior”, disse ele.

Não há sofrimento inocente, nem cobrança injusta ou indevida. O que deve paga e o que está sendo cobrado é porque deve. Assim a própria vítima de um gesto criminoso é também um ser endividado perante a lei, por alguma razão concreta anterior, ainda que ignorada. Se, em lugar de reconciliar-se, ela se vingar, estará reabrindo sua conta como novo débito em vez de saldá-la.

A lei natural, portanto, não prescreve a indissolubilidade mandatária e absoluta do casamento, como a caracterizou Kardec na sua pergunta. Consequentemente, a lei humana não deve ser mais realista do que a outra que lhe é superior; deve ser flexível, abrindo espaço para as opções individuais do livre arbítrio.

Isso, contudo, está longe de significar uma atitude de complacência ou de estímulo à separação dos casais em dificuldades. O divórcio é admissível, em situações de grave conflito, nas quais a separação legal assume a condição de mal menor, em confronto com opções potencialmente mais graves que projetam ameaçadoras tragédias e aflições imprevisíveis: suicídios, assassinatos, e conflitos outros que destroem famílias e acarretam novos e pesados

compromissos, em vez de resolver os que já vieram do passado por auto-herança.

Convém, portanto, atentar para todos os aspectos da questão e não ceder precipitadamente ao primeiro impulso passional ou solicitação do comodismo ou do egoísmo. Dificuldades de relacionamento são mesmo de esperar-se na grande maioria das uniões que se processam em nosso mundo ainda imperfeito. Não deve ser desprezado o importante aspecto de que o casamento foi combinado e aceito com a necessária antecipação, precisamente para neutralizar diferenças e dificuldades que persistem entre dois ou mais Espíritos.

O que a lei divina prescreve para o casamento é o amor, na sua mais ampla e abrangente conotação, no qual o sexo é apenas a expressão física de uma profunda e serena sintonia espiritual. Estas uniões, contudo, são ainda a exceção e não a norma. Ocorre entre aqueles que, na expressão de Jesus, Deus juntou, na imutável perfeição de suas leis. Que ninguém os separe, mesmo porque, atingida essa fase de sabedoria, entendimento e serenidade, os Espíritos pouco se importam de que os vínculos matrimoniais sejam indissolúveis ou não em termos humanos, dado que, para eles vige a lei divina que já os uniu pelo vínculo supremo do amor.

Em suma, recuar ante uma situação de desarmonia no casamento, de um cônjuge difícil ou de problemas aparentemente insolúveis é gesto e fraqueza e covardia de graves implicações. Somos colocados em situações dessas precisamente para resolver conflitos emocionais que nos barram os passos no caminho evolutivo. Estaremos recusando exatamente o remédio prescrito para curar mazelas persistente que se arrastam, às vezes, por séculos ou milênios aderidas à nossa estrutura espiritual.

A separação e o divórcio constituem, assim, atitudes que não devem ser assumidas antes de profunda análise e demorada meditação que nos levem à plena consciência das responsabilidades envolvidas.

Como escreveu Paulo com admirável lucidez e poder de síntese.

“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”.

O Espiritismo não é doutrina do não e sim da responsabilidade, Viver é escolher, é optar, é decidir. E a escolha é sempre livre dentro de um leque relativamente amplo de alternativas. A sementeira, costumamos dizer, é voluntária; a colheita é que é sempre obrigatória.

É no contexto da família que vem desaguar um volume incalculável de consequências mais ou menos penosas resultantes de desacertos anteriores, de decisões tomadas ao arrepio das leis flexíveis e, ao mesmo tempo, severas, que regulam o universo ético em que nos movimentamos.

Para que um dia possamos desfrutar o privilégio de viver em comunidades felizes e harmoniosas, aqui ou no mundo póstumo, temos de aceitar, ainda que relutantemente, as regras do jogo da vida. O trabalho da reconciliação com espíritos que prejudicamos com o descontrole de nossas paixões, nunca é fácil e, por isso, o comodismo nos empurra para o adiamento das lutas e renúncias por onde passa o caminho da vitória.

Como foro natural de complexos problemas humanos e núcleo inevitável das experiências retificadoras que nos incumbe levar a bom termo, a família é instrumento da redenção individual e, por extensão, do equilíbrio social.

Não precisaria de nenhuma outra razão para ser estudada com seriedade e preservada com firmeza nas suas estruturas e nos seus propósitos educativos.

Deolindo Amorim e Hermínio C. Miranda

Extraído do site: www.oespiritismo.com.br

DA LEI DO PROGRESSO

ESTADO DA NATUREZA E PROGRESSO

1 – O ESTADO DA NATUREZA E O PROGRESSO

O progresso é lei natural e vem de Deus. O instinto de progressão é uma força irresistível que toda criatura traz consigo, mas o grau de esforço e os meios empregados para evoluir são particularidades de cada um.

O estado da natureza é circunstancial, de modo que é mais correto dizer que isto ou aquilo “está” do que dizer “é”, pois tudo evolui – mesmo aqueles a quem vulgarmente dizemos “esse não tem jeito!”

O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo perfectível e trazendo em si a semente do seu aperfeiçoamento, o homem não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não o foi a viver eternamente na infância. Aquele estado é transitório para o homem, que dele sai por virtude do progresso e da civilização. A lei natural, ao contrário, rege a Humanidade inteira e o homem se melhora à medida que melhor a compreende e pratica.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Comentário à questão 776)

2 – A MARCHA DO PROGRESSO

A marcha do progresso é sempre pra frente e nunca o Espírito regride, sempre acumula os aprendizados e todas as experiências carnis lhe são instrumentos de melhoria. Todos nós passamos pelo estado de infância espiritual e nos desenvolvemos paulatinamente.

O homem encontra a força para progredir em si mesmo ou o progresso é apenas fruto de um ensinamento?

“O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente. Mas, nem todos progredem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contato social”.

(Idem – Comentário à questão 779)

O adiantamento pessoal, ou reforma íntima, se dá por duas vias: progresso moral e intelectual. As duas se completam e se nutrem mutuamente, mas não necessariamente elas caminham no mesmo ritmo. Normalmente o intelecto marcha à frente e influencia o progresso moral, porque traz compreensão sobre o bem e o mal e, desenvolvendo a inteligência e o livre-arbítrio, aumenta a responsabilidade dos atos praticados.

Impossível é barrar o progresso individual e coletivo, embora o homem possa embaralhá-la. Pode ocorrer de um Espírito desperdiçar várias reencarnações sem que cumpra as missões programadas, mas o atraso é temporário. Ocorre ainda que determinadas forças (políticas, religiosas, culturais, etc.) possam frear o processo civilizatório da Humanidade, não obstante, por pouco tempo. Repetimos: o progresso é uma força irresistível.

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem se opor a ele. É uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más. Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforcem por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha

posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.

(Idem – Comentário à questão 781-a)

Allan Kardec indagou aos Espíritos colaboradores da codificação sobre qual o maior obstáculo ao progresso e deles obteve a seguinte resposta:

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porque o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, por sua vez, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Porém é curta a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura”.

(Idem – Questão 785)

Importante observar que o crescimento individual contribui para toda a família; do avanço de uma pequena comunidade toda a Humanidade progride. É regra que os mais adiantados contribuam com os mais atrasados e com a evolução de todo o mundo onde habita. É assim que de tempos em tempos surgem homens progressistas em todas as áreas da sociedade (cientistas, legisladores, artistas, profetas, etc.).

3 – ESPIRITISMO E PROGRESSO

Inegável é o bem que a revelação espírita trouxe aos homens e sua repercussão é crescente. Suas contribuições ao progresso são incontáveis, mas destacamos a principal: desmascarar o materialismo, a teoria do nada, pois ao provar e explicar a parte que nos toca conhecer da vida dos Espíritos, ela ilumina as mentes e consola os corações.

O conhecimento do Espiritismo impulsiona o homem à reforma íntima, prepara-o para o porvir antes mesmo do desencarne, incita-o à caridade cristã e o fortalece diante das provas.

É forte a Doutrina – e se fortalece cada vez mais – porque se apoia em alicerces firmes, por ter vindo no tempo exato e pelo fato de fazer abrir-se em cada ser as duas asas da elevação: o amor e a sabedoria.

Visto que o Espiritismo tem que marcar um progresso da Humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso, por meio de manifestações tão generalizadas e mais evidentes, que a convicção penetre até nos mais incrédulos?

“Desejariam milagres; mas, Deus os espalha a mancheias diante dos seus passos e, no entanto, ainda há homens que o negam. Porventura, o próprio Cristo conseguiu convencer os seus contemporâneos, mediante os prodígios que operou? Não conhecem presentemente alguns que negam os fatos mais patentes, ocorridos às suas vistas? Não há os que dizem que não acreditariam, mesmo que vissem? Não; não é por meio de prodígios que Deus quer encaminhar os homens. Em Sua bondade, Ele lhes deixa o mérito de se convencerem pela razão”.

(Idem – Questão 802)

O verdadeiro espírita sabe que o melhor método para convencer os parentes e amigos sobre as benesses da Doutrina Espírita não é o das manifestações ou ações físicas, mas o exemplo moral de transformação de cada um, porque o que frequenta o Espiritismo e não se renova moralmente, este é qualquer coisa, menos espírita.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. VIII da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;

Reforma Íntima

A Doutrina Espírita esclarece a respeito da transformação moral que deve ser operada em nós mesmos. Somos todos iguais perante Deus, nosso Criador. Ele nos dá a oportunidade, através de inúmeras encarnações, de modificar o nosso interior, pois possuímos o gérmen divino que dormita em nossos corações.

É imprescindível uma mudança de dentro para fora, sendo necessário identificar todos os sentimentos negativos, como o orgulho, o egoísmo. Vigiar pensamentos, atos e atitudes. A reforma é lenta e gradativa e exige persistência. Através da leitura de bons livros, de palestras edificantes, do estudo que nos eleva espiritualmente, da busca do conhecimento e esclarecimento, vamos nos autoconhecendo para proporcionar a colocação de valores positivos em nossas vidas.

Necessário se faz, ainda, julgarmos a nós próprios, ignorar os defeitos alheios, empregar o perdão, aniquilar com a maledicência, exercitar a caridade, anular as ofensas.

Nosso modelo e guia é Jesus, que há dois mil anos veio nos mostrar a melhor forma de caminhar até a perfeição, ensinando-nos a amar a Deus e aos nossos irmãos como a nós mesmos.

Muitas vezes, a dor nos bate à porta. Trata-se de uma alerta de que algo em nós não está de acordo com a Justiça Divina. São ocasiões que nos oportunizam melhorias mais intensas.

Também através da convivência com a nossa família e amigos observaremos a ocorrência de mudanças, num exercício diário de despertar virtudes e dominar más tendências.

Grande auxílio, nesse fim, nos proporciona a oração. Quando feita com fé e vibração, ela nos liga ao Pai Celeste e torna receptivos coração e mente às energias que fortalecem o espírito. Além disso, deixa-nos em sintonia com benfeitores espirituais que nos auxiliam na busca do bem viver, estimulando o amor, esse sublime sentimento que conduz à felicidade, à paz interior e à harmonia.

Neste mundo de provas e expiações, onde nos deparamos com inúmeras dificuldades e desentendimentos, sejamos tal qual uma pequena luz, a irradiar esperança, fé, otimismo, alegria. Aprendamos a valorizar as pequenas maravilhas que Deus nos oferece todos os dias, incondicionalmente...

E quem sabe, a partir de agora, cultivaremos melhor aqueles gestos tão simples, mas tão poderosos e importantes: as palavras de gentileza, a saudação jovial e vibrante, o aperto de mão firme e o abraço caloroso, o permanente sorriso no rosto, aberto e sincero...

Evitemos queixas e lamentações, respondendo sempre aos cumprimentos com um "Eu vou bem!". Pois, apesar de eventuais dificuldades, na qualidade de filhos de Deus, possuímos enorme força interior, capaz de vencer qualquer desafio. Dispomos de amparo e de infinitas bênçãos divinas, basta saber ver e direcionar a nossa vontade.

Ao acordar pela manhã, agradeçamos a oportunidade de recomeçar tudo outra vez, de corrigir, de acertar, de melhorar! Mentalizemos bons propósitos para o dia que inicia. E à noite, agradeçamos por tudo o que passou, bons ou difíceis momentos. É importante fazer uma avaliação diária de nossas atitudes. Assim, com o desejo sincero da reforma íntima, vamos trocando valores negativos por positivos.

Através de nossa conduta moral elevada, com nosso exemplo, influenciaremos os que estão a nossa volta, sendo instrumentos de Jesus a transmitir os seus ensinamentos, que são todos de amor.

A única maneira de nos unirmos a Deus é com a autorreforma. Ele espera pacientemente cada um de nós, sem violentar nosso livre-arbítrio, para que atinjamos a perfeição, a felicidade absoluta, e nos unamos em uma grande e fraterna família universal.

Aproveitemos as oportunidades presentes para apressar nossa evolução, através de melhoria íntima. Nosso Pai sempre nos dá novas chances, mas nunca iguais a estas. Na encarnação atual essa pode ser a última oportunidade, e talvez amanhã não haja mais tempo. Portanto, não adiemos a felicidade para amanhã!

A Reforma Íntima é um processo contínuo de autoconhecimento da nossa intimidade espiritual, modelando-nos progressivamente na vivência evangélica, em todos os sentidos da nossa existência. É a transformação do homem velho, carregado de tendências e erros seculares, no homem novo, atuante na implantação dos ensinamentos do Divino Mestre, dentro e fora de si.

Por que a Reforma Íntima?

Porque é o meio de nos libertarmos das imperfeições e de fazermos objetivamente o trabalho de burilamento dentro de nós, conduzindo-nos compativelmente com as aspirações que nos levam ao aprimoramento do nosso espírito.

Para que a Reforma Íntima?

Para transformar o homem e a partir dele, toda a humanidade, ainda tão distante das vivências evangélicas. Urge enfileirarmo-nos ao lado dos batalhadores das últimas horas, pelos nossos testemunhos, respondendo aos apelos do Plano Espiritual e integrando-nos na preparação cíclica do Terceiro Milênio.

Onde fazer a Reforma Íntima?

Primeiramente dentro de nós mesmos, cujas transformações se refletirão depois em todos os campos de nossa existência, no nosso relacionamento com familiares, colegas de trabalho, amigos e inimigos e, ainda, nos meios em que colaborarmos desinteressadamente com serviços ao próximo.

Quando fazer a Reforma Íntima?

O momento é agora e já; não há mais o que esperar. O tempo passa e todos os minutos são preciosos para as conquistas que precisamos fazer no nosso íntimo.

Como fazer a Reforma Íntima?

Ao decidirmos iniciar o trabalho de melhorar a nós mesmos, um dos meios mais efetivos é uma Escola de Aprendizes do Evangelho, cujo objetivo central é exatamente esse. Com a orientação dos dirigentes, num regime disciplinar, apoiados pelo próprio grupo e pela cobertura do Plano Espiritual, conseguimos vencer as naturais dificuldades de tão nobre empreendimento, e transpomos as nossas barreiras. Daí em diante o trabalho continua de modo progressivo, porém com mais entusiasmo e maior disposição. Mas, também, até sozinhos podemos fazer a nossa Reforma Íntima, desde que nos empenhemos com afinco e denodo, vivendo coerentemente com os ensinamentos de Jesus.

Grupo Espírita Seara do Mestre

(Federação Espírita do Maranhão – www.femar.org.br)

DA LEI DE IGUALDADE

IGUALDADE NATURAL E DESIGUALDADE CIRCUNSTANCIAL

1 – IGUALDADE E DESIGUALDADES

Num mundo com tantas desigualdades, a Doutrina Espírita vem nos elucidar acerca da lei natural de igualdade:

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Comentário à questão 803)

No entanto, somos testemunhas de indescritíveis disparidades entre as pessoas, seja na condição física, moral, intelectual. Qual o porquê disso?

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o fato de se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa contribuir para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, o outro faz. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Demais, sendo todos os mundos solidários entre si, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que – na sua maioria, foram criados antes deste de vocês – venham habitá-lo, para lhes dar o exemplo”.

(Idem – Questão 804)

Portanto, as diferenças entre os homens não deriva da natureza íntima, mas do grau de aperfeiçoamento a que tenham chegado os Espíritos encarnados neles. Uma distribuição desigual privilegiaria uns em detrimento de outros, o que seria injusto e imperfeito – atributos incompatíveis com Deus.

A mescla os diversos graus de adiantamento dos homens permite a solidariedade entre as almas, para que os mais adiantados possam auxiliar o progresso dos mais atrasados e também para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que os deve unir.

Relevante é ainda lembrar que as posições na Terra não espelham com exatidão a hierarquia no plano espiritual, bastando lembrar em que humildes condições terrenas se postaram grandes os mensageiros da luz – por exemplo, Jesus, Chico Xavier, etc.

2 – MANIFESTAÇÕES DE DESIGUALDADE

Toda manifestação de desigualdade é contrária à lei natural. Nessa senda encontramos

o machismo, o racismo, a intolerância religiosa, a homofobia e a xenofobia. Quando um indivíduo crê que seja, por qualquer pretexto empregado, superior e melhor do que alguém, este se enche de obsessão e grave são as consequências.

A repartição dos bens terrenos costuma ser responsável pela separação entre as pessoas, mas há outro agente tão grave, embora menos aparente: a pretensão moral e intelectual. Enquanto que no primeiro caso, podemos realmente medir as posses de cada um (porque os são bens materiais), neste último é subjetivo, onde há os que se julgam mais importantes devido às ciências acumulados, o tamanho da fé, etc. Inclusive entre os que se intitulam espíritas, há os fanáticos que se colocam entre os donos da verdade – os novos fariseus.

Cumpre-nos buscar o sentimento de humildade e caridade para aparmos as disparidades entre todos nós, considerando que elas são circunstanciais e não permanecerão nesse estado perpetuamente.

3 – RIQUEZA E MISÉRIA

Riqueza e miséria são provas pelas quais passamos para experimentar nosso grau de resignação e perseverança – quando as coisas não vão bem – e humildade e caridade – quando na bonança.

“A alta posição do homem neste mundo e o fato de ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso ele é, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.

“A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: “Na verdade, eu digo a vocês que é mais fácil passar um camelo por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino dos céus”.

(Idem – Comentário à questão 816)

4 – HOMEM E MULHER

Incrível hoje ainda haver tanta incompreensão quanto à questão da igualdade entre homens e mulheres! O Espírito não tem gênero, encarna ora homem, ora mulher, e todos são iguais. As diferenças físicas entre um e outro é de natureza física, como existe mesmo entre os corpos de mesmo sexo (homens mais forte que outros, fisicamente falando).

Com que objetivo a mulher é mais fraca fisicamente do que o homem?

“Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor”.

(Idem – Questão 819)

Essa diferença física não pode ser ensejo de rixa – em que o mais forte escraviza ou submete o outro a constrangimentos –, mas oportunidade de um maravilhoso complemento. Assim é que o mais forte deve zelar pelos mais fracos, colocando-se cada qual no lugar que lhe compete.

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. IX da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
Cap. XVI de “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Allan Kardec.

A mulher ante o Cristo

Toda vez nos disponhamos a considerar a mulher em plano inferior, lembremo-nos dela, ao tempo de Jesus.

Há vinte séculos, com exceção das patrícias do Império, quase todas as companheira do povo, na maioria das circunstâncias, sofriam extrema abjeção, convertidas em alimárias de carga, quando não fossem vendidas em hasta pública.

Tocadas, porém, pelo verbo renovador do Divino Mestre, ninguém respondeu com tanta lealdade e veemência aos apelos celestiais.

Entre as que haviam descido aos vales da perturbação e da sombra, encontramos em Madalena o mais alto testemunho de soerguimento moral, das trevas para a luz; e entre as que se mantinham no monte do equilíbrio doméstico, surpreendemos em Joana de Cusa o mais nobre expoente de concurso e fidelidade,

Atraídas pelo amor puro, conduziam à presença do Senhor os aflitos e os mutilados, os doentes e as crianças. E, embora não lhe integrassem o círculo apostólico, foram elas – representadas nas filhas anônimas de Jerusalém - as únicas demonstrações de solidariedade espontânea que o visitaram, desassombradamente, sob a cruz do martírio, quando os próprios discípulos debandavam.

Mais tarde, junto aos continuadores da Boa-Nova, sustentaram-se no mesmo nível de elevação e de entendimento.

Dorcas, a costureira jopense, depois de amparada por Simão Pedro, fez-se mais ativa colaboradora da assistência aos infortunados. Febe é a mensageira da epístola de Paulo de Tarso aos romanos. Lídia, em Filipos, é a primeira mulher com suficiente coragem para transformar a própria casa em santuário do Evangelho nascituro. Lóide e Eunice, parentas de Timóteo, eram padrões morais da fé viva.

Entretanto, ainda que semelhantes heroínas não tivessem de fato existido, não podemos olvidar que, um dia, buscando alguém no mundo para exercer a necessária tutela sobre a vida preciosa do Embaixador Divino, o Supremo Poder do Universo não hesitou em recorrer à abnegada mulher, escondida num lar apagado e simples...

Humilde, ocultava a experiência dos sábios; frágil como o lírio, trazia consigo a resistência do diamante; pobre entre os pobres, carreava na própria virtude os tesouros incorruptíveis do coração, e, desvalida entre os homens, era grande e prestigiosa perante Deus.

Eis o motivo pelo qual, sempre que o raciocínio nos induza a ponderar quanto à glória do Cristo – recordando, na Terra, a grandeza de nossas próprias mães –, nós nos inclinaremos, reconhecidos e reverentes, ante a luz imarcescível da Estrela de Nazaré.

(RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS, (pelo Espírito Emmanuel) Francisco Cândido Xavier, Editora FEB)

DA LEI DE LIBERDADE

LIVRE-ARBÍTRIO E RESPONSABILIDADE

1 – LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Sem o livre direito de pensar e agir, o homem seria máquina inerte ou sob controle de uma força externa, tal qual um robô. Portanto, uma das leis naturais é a de Liberdade.

Pelo fato das pessoas abusarem dessa faculdade se questiona por que Deus permite tamanha libertinagem, a ponto de Ele mesmo ser alvo de blasfêmias. Indagam isso aqueles que ignoram a natureza das coisas e as regras próprias da liberdade, cujo princípio é o equilíbrio entre o direito e o dever, traduzido no velho ditado popular: “o direito de um vai até onde começa o direito do próximo”. Logo, não há liberdade absoluta a ninguém, pois estamos todos emaranhados numa ligação infinita – entre encarnados e desencarnados.

Como se podem conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que costumam exercer no seu lar e sobre os seus subordinados?

“Eles têm a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando não representam calculadamente uma comédia, sustentando princípios liberais, compreendem como as coisas devem ser, mas não as fazem assim”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 828)

Assim é que, pela lei de ação e reação, nossa liberdade está sob vistoria da responsabilidade. Adiciona-se a isso o fato de que, quanto mais consciente o indivíduo, mais comprometido é com boa causa.

“O servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não a soube, e fez coisas que mereciam castigo, com poucos açoites será castigado. Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá”.

Jesus (Lucas, 12:47-48)

2 – ESCRAVIDÃO E DESPOTISMO

Um capítulo repulsivo da História da Humanidade foi o da escravidão negreira, em que a pretextos diversos, irmãos submetiam irmãos ao cativeiro e ao trabalho forçado. Se legalmente esse excesso não mais é permitido, em diferentes matizes essa vergonha prossegue sutilmente.

“É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 829)

Os diferentes graus de aptidões não podem ser ensejos para que uns sobreponham-se aos outros com exploração, mas para a colaboração mútua. Que não haja absolutismo, nem no trabalho, nem nas relações afetivas, nem na administração da casa, nem nas casas espíritas. Do contrário, que haja parceria, fraternidade e solidariedade, sobretudo de quem está em condições de estender a mão para baixo.

“Constranger os homens a procederem em desacordo com o seu modo de pensar, faz deles hipócritas. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso”.

(Idem – Questão 837)

3 – PENSAMENTO, IDEOLOGIAS E CRENÇAS

Embora não seja preciso concordar com a ideologia alheia, somos obrigados a aceitar o direito à liberdade de pensamento dos nossos semelhantes. Isso vale para a opção política, futebolística e religiosa.

Será atentar contra a liberdade de consciência pôr obstáculos a crenças capazes de causar perturbações à sociedade?

“Podem reprimir-se os atos, mas a crença íntima é inacessível”.

(Idem – Questão 840)

Pela resposta acima, deduzimos que todos têm direito a praticar a religião intimamente, sem nenhum obstáculo – direito esse assegurado até pela Constituição brasileira. Porém, as práticas externas podem e devem estar submetidas à ordem pública. Por exemplo: não se pode censurar uma crença que creia ser legítimo o sexismo, mas uma vez que seja posto em prática qualquer ato delitoso (como perseguição a homossexuais, por exemplo), a lei deve ser acionada e o crime punido.

De semelhante modo se aplica qualquer pensamento: se tivermos uma má ideia e de pronto a cortarmos, mérito nosso; mas se a executamos ou se a desejamos e simplesmente por falta de oportunidade não a pomos em prática, culpado somos!

Para respeitar a liberdade de consciência, devemos deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou, sem atentar contra aquela liberdade, poderemos procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios?

“Certamente que podem e até devem; mas, ensinam, a exemplo de Jesus, servindo-se da brandura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejariam convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. A convicção não se impõe”.

(Idem – Questão 841)

4 – LIVRE-ARBÍTRIO E FATALIDADE

O Espírito passa por um período de “infância espiritual”, já o dissemos, estágio esse em que impera o instinto. A liberdade de pensar e agir se desenvolve na proporção com que a pessoa evolui.

“Há liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo. Nas primeiras fases da vida, a liberdade é quase nula, que se desenvolve e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades. Estando seus pensamentos em concordância com o que a sua idade reclama, a criança aplica o seu livre-arbítrio àquilo que lhe é necessário”.

(Idem – Questão 844)

Se a liberdade é lei natural, não pode haver fatalidade como vulgarmente se diz de certos acontecimentos na vida corporal – o chamado “escrito nas estrelas”. Os Espíritos planejam as encarnações e sob devidas circunstâncias, as pessoas ficam sujeitas às provas que escolheu, mas nada determinado se sucumbirão ou resistirão a elas.

Exemplo: uma entidade escolhe passar pela prova da riqueza: com boas condições

financeiras, nascido num berço abastado, terá muitos bens, empregados, boa formação escolar, etc. Nessas condições, estará envolvido pelos sentimentos da arrogância, orgulho, vaidade, despotismo, sensualismo e todas as tentações do dinheiro – próprio no círculo elitista da sociedade atual – Eis a fatalidade. Porém, nada definido se castigará um ou outro, se abusará sexualmente da secretária, se será pai ausente para se dedicar aos negócios, se será corrupto ou corruptor, etc. Esses acontecimentos não estão escritos e dependerão do modo livre que ele tem de agir e pensar. Poderá, então, ser compreensivo com os funcionários, caridoso com entidades filantrópicas, honesto nas transações comerciais, pai e esposo ativo e amoroso e um grande contribuinte para o desenvolvimento de sua comunidade. Poderá também se perder nos vícios ainda na juventude, falir os empreendimentos da família, antecipar sua morte com os abusos (droga, cigarro, álcool, etc.).

Haverá fatos que obrigatoriamente devam acontecer e que os Espíritos não possam evitar, quando queiram?

“Há, mas o que viu e pressentiu quando fez a escolha no estado de Espírito. Não creias, entretanto, que tudo o que sucede esteja escrito, como costumam dizer. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de um ato que praticou por tua livre vontade, de tal sorte que, se não o tivesse praticado, o acontecimento não teria se realizado. Imagina que queima o dedo: isso nada mais é senão resultado da tua imprudência e efeito da matéria. Só as grandes dores, os fatos importantes e capazes de influir no moral, Deus os prevê, porque são úteis à tua depuração e à tua instrução”.

(Idem – Questão 859)

É certo que os mentores espirituais contribuem para que cada um cumpra seus projetos para aquela reencarnação, podendo mesmo livrá-lo dos perigos e da morte, mas mediante o indivíduo escute as boas admoestações – quando se dá ouvido à “intuição”.

O Espírito sabe antecipadamente como será sua morte?

“Sabe que o gênero de vida que escolheu o expõe mais a morrer desta do que daquela maneira. Sabe igualmente quais as lutas que terá de sustentar para evitá-lo e que, se Deus o permitir, não sucumbirá”.

(Idem – Questão 856)

Uma questão interessante e recorrente:

Pois que Deus sabe tudo, não ignora se um homem cairá ou não em determinada prova. Assim sendo, qual a necessidade dessa prova, uma vez que nada acrescentará ao que Deus já sabe a respeito desse homem?

“Isso equivale a perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e acabado; por que o homem passa pela infância, antes de chegar à condição de adulto. A prova não tem por fim dar a Deus esclarecimentos sobre o homem, pois que Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas dar ao homem toda a responsabilidade de sua ação, uma vez que tem a liberdade de fazer ou não fazer. Dotado da capacidade de escolher entre o bem e o mal, a prova tem por efeito pô-lo em luta com as tentações do mal e conferir-lhe todo o mérito da resistência. Ora, mesmo que saiba de antemão se ele se sairá bem ou não, em sua justiça, Deus não pode puni-lo, nem recompensá-lo, por um ato ainda não praticado”.

(Idem – Questão 871)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. X da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;

PALAVRA ESPÍRITA

Liberdade

*“Não usem da liberdade para dar ocasião à carne,
mas sirvam-se uns aos outros pela caridade”.*

Paulo (Gálatas, 5:13)

Em todos os tempos, a liberdade foi utilizada pelos dominadores da Terra. Em variados setores da evolução humana, os mordomos do mundo aproveitam-na para o exercício da tirania, usam-na os servos em explosões de revolta e descontentamento.

Quase todos os habitantes do Planeta pretendem a exoneração de toda e qualquer responsabilidade, para se mergulharem na escravidão aos delitos de toda sorte.

Ninguém, contudo, deveria recorrer ao Evangelho para aviltar o sublime princípio.

A palavra do apóstolo aos gentios é bastante expressiva. O maior valor da independência relativa de que desfrutamos reside na possibilidade de nos servirmos uns aos outros, glorificando o bem.

O homem gozará sempre da liberdade condicional e, dentro dela, pode alterar o curso da própria existência, pelo bom ou mau uso de semelhante faculdade nas relações comuns.

É forçoso reconhecer, porém, que são muito raros os que se decidem à aplicação dignificante dessa virtude superior.

Em quase todas as ocasiões, o perseguido – com oportunidade de desculpar – mentaliza represálias violentas; o caluniado – com ensejo de perdão divino – recorre à vingança; o incompreendido – no instante azado de revelar fraternidade e benevolência – reclama reparações.

Onde se acham aqueles que se valem do sofrimento, para intensificar o aprendizado com Jesus Cristo? Onde os que se sentem suficientemente livres para converter espinhos em bênçãos? No entanto, o Pai concede relativa liberdade a todos os filhos, observando-lhes a conduta.

Raríssimas são as criaturas que sabem elevar o sentido da independência a expressões de voo espiritual para o Infinito. A maioria dos homens cai, desastradamente, na primeira e nova concessão do Céu, transformando, às vezes, elos de veludo em algemas de bronze.

(VINHA DE LUZ, (pelo Espírito Emmanuel) Francisco Cândido Xavier – Cap. 128, Editora FEB)

DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

LEI HUMANA E LEI NATURAL

1 – LEI HUMANA E LEI DIVINA

Os colaboradores da codificação espírita definiram a justiça como a prerrogativa de cada um respeitar os direitos dos outros.

Toda organização requer um regimento, começando na família e adentrando na sociedade. A injustiça da legislação e sua aplicação decorrem da influência negativa das paixões humanas, privilegiando uns em detrimento dos semelhantes.

Por sua vez, a lei divina é perfeita e eterna. Como espelho desta, disse Jesus Cristo: “Queira cada um para os outros o que quiser para si mesmo”.

Efetivamente, o critério da verdadeira justiça está em querer cada um para os outros aquilo que para si mesmo quereria e não em querer para si o que quereria para os outros, o que absolutamente não é a mesma coisa. Não sendo natural que haja quem deseje o mal para si, desde que cada um tome por modelo o seu desejo pessoal, é evidente que nunca ninguém desejará para o seu semelhante senão o bem. Em todos os tempos e sob o império de todas as crenças, o homem sempre se esforçou para que prevalecesse o seu direito pessoal. A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Comentário à questão 876)

Todos perante o Pai são iguais, embora estejam em condições distintas e circunstanciais. A marcha do progresso rumo para a igualdade entre todos – no grau de perfeição. No entanto, o atual estado evolutivo da Humanidade requer uma organização tal que necessário seja haver hierarquia e disformes distribuições de bens e obrigações – como instrumento de provas e expiações. Estando o homem inserido na sociedade, sujeito está à legislação civil.

Observando a irregularidade da organização humana, queixam-se aqueles que desconhecem a Justiça Divina e acusam a Deus de permitir tanta injustiça. Porém, a posição que cada um ocupa é o próprio exercício da justiça natural. Faz-se necessário conhecermos os desígnios do Criador e reconhecemos nossos justos merecimentos.

2 – PROPRIEDADE E ANARQUIA

Há ideologias e movimentos que agem em nome de certa ideia de justiça – religiosa ou sociocultural – em contradição às instituições públicas. Queixam-se da legitimidade das organizações, do direito de propriedade, etc. – muitas vezes, com atos violentos e ilegais.

Verdade que as legislações são imperfeitas e permitam abuso de posse, de poder e de posição social. Todavia, o trabalho reparador não deve pender para atos tão os mais abusos

como os que se julga combater. Esta filosofia está sintetizada na passagem em que o Cristo disse “daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Ademais, quem entre nós está realmente apto a julgar os abusos de alguém?

Pela lei humana o indivíduo tem o direito à posse legal sem limites. A lei natural estabelece que devamos nos orientar pelo necessário apenas e com aplicação ao bem comum. Ora, se nos orientamos pela lei divina, devemos observar ainda que a melhor forma de equilibrarmos a justiça terrena é pela evangelização, com amor e caridade – não pela força. Também apropriado é citarmos outro ensino cristão: “retira a trave do teu olho para depois reparar o cisco no olho do teu próximo”.

É natural o desejo de possuir?

“Sim, mas quando o homem deseja possuir para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo”.

(Idem – Questão 883)

Confiai no Senhor e trabalhe para a reforma coletiva, começando com a íntima.

“É fora de dúvida que tudo o que legitimamente se adquire constitui uma propriedade. Mas, como havemos dito, a legislação dos homens – porque imperfeita – consagra muitos direitos convencionais, que a lei de justiça reprovava. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte”.

(Idem – Questão 885)

3 – CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO

Nenhum trabalho mais produtivo que este: caridade!

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amem-se uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e respeitos lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

(Idem – Comentário à questão 886)

Feliz daquele em condição de poder doar ou repartir; triste a de quem precisa. Por isso, a sociedade deve criar meios de prover os mais fracos com dignidade e justiça – não com assistencialismo barato, visando quase sempre o reconhecimento ou retribuição qualquer, mas com amor e respeito aos outros.

Dar esmola é reprovável?

“Não; o que merece reprovação não é a esmola, mas a maneira como habitualmente ela é dada. O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão.

“A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto no ato, como na maneira como é praticado. Um serviço prestado com delicadeza tem um duplo valor. Se o for com altivez, pode ser que a necessidade obrigue quem o recebe a aceitá-lo, mas o

seu coração pouco se comoverá.

“Lembrem-se também de que, aos olhos de Deus, a ostentação tira o mérito ao benefício. Disse Jesus: ‘Que tua mão esquerda não saiba o que a direita der’. Por essa forma, Ele lhes ensinou a não manchar a caridade com o orgulho.

“Deve-se distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede. O temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que muita vez sofre sem se queixar. A esse é que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação (...).”

(Idem – Questão 888-a)

Reconheçamos ainda que somos todos devedores e credores uns dos outros, pois é pelo auxílio aos mais fracos que se reconhece os mais fortes; é pela resignação que se reconhece os humildes. Não há na Terra alguém que não ache quem esteja mais adiante ou mais atrás. Vale lembrar também que a posição humana é volátil, de forma que, quem hoje pede, poderá achar-se numa situação de aptidão a estender a mão a outro irmão ou mesmo àquele de quem se serviu.

Fiquemos com uma citação honrosa:

“A verdadeira caridade não é acolher o desprotegido, mas prover-lhe a capacidade de se libertar”.

Anália Franco

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. XI da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;

PALAVRA ESPÍRITA

A Caridade

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, e a caridade, estes três; mas o maior destes é a **caridade**.

São Paulo
(I Coríntios, 13)

DA PERFEIÇÃO MORAL

AUTODESCOBRIMENTO

1 – VIRTUDES E PAIXÕES

De posse das leis naturais de Deus, resta-nos pô-las em prática, fortalecendo nossas virtudes e nos desprendendo das paixões e vícios. Eis que a Caridade salienta-se.

Qual a mais meritória de todas as virtudes?

“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na estrada do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade”.

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 893)

Ao contrário da caridade está o egoísmo e a vaidade, em que o homem pensa e age sempre pensando em si mesmo e justifica seus atos pela necessidade de ser feliz.

Postos de lado os defeitos e os vícios acerca dos quais ninguém pode se equivocar, qual o sinal mais característico da imperfeição?

“O interesse pessoal. Frequentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais, que levem o mundo a considerá-lo homem de bem, mas, essas qualidades, embora assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se apresenta, todos o admiram como se fosse um fenômeno.

“O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos o homem compreende o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro”.

(Idem – Questão 895)

Muito mais fácil e agradável é praticar a caridade conforme a pessoa a compreende. Eis porque a perfeição nos arrasta à felicidade irresistível.

Por sua vez, as paixões não são más. Ao contrário, são tendências naturais que nos instiga ao cumprimento dos desígnios de Deus. O erro está no abuso no emprego dos princípios originários das paixões. Por exemplo: o sexo é um princípio natural humano e benéfico enquanto no limite; os vícios derivados dele é que são negativos.

As paixões são alavancas que multiplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência. Mas, se, em vez de dirigi-las, deixa ser dirigido por elas, o homem cai nos excessos e a própria força que, manejada pelas suas mãos, poderia produzir o bem, contra ele se volta e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento, ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, assim, um mal, pois que assenta numa das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa e este excesso se torna

um mal, quando tem como consequência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

(Idem – Comentário à questão 908)

Os homens podem – e devem – triunfar sobre os vícios, pedindo forças a Deus para a sublimação, solicitando o intermédio dos seus protetores espirituais e esforçando-se com sinceridade para o cumprimento da abnegação. Não há tentações irresistíveis.

Qual o meio de destruir o egoísmo?

“De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de se desenraizar porque deriva da influência da matéria – influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá na proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo lhes faculta, do seu estado futuro, real e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a as suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo (...).”

(Idem – Questão 917)

2 -- AUTODESCOBRIMENTO

Allan Kardec questionou os Espíritos Superiores sobre qual o método mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao mal. Na resposta, veio a ratificação do ensinamento do filósofo grego Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”.

No ensejo desta questão, veio o Espírito de Santo Agostinho nos acrescentar:

“Façam o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fazia e perguntava a mim mesmo se não havia faltado a algum dever, se ninguém tinha motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirese de si mesmo o bem ou o mal que tivesse feito, rogando a Deus e ao seu anjo da guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque – acreditem – Deus o ajudaria. Então, dirijam perguntas a si mesmo, interroguem-se sobre o que têm feito e com que objetivo procederam em tal ou tal circunstância, sobre se fizeram alguma coisa que, feita por outrem, censurariam, sobre se obraram alguma ação que não ousariam confessar. Perguntem ainda mais: ‘Se agradasse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’

“Examinem o que puderam ter obrado contra Deus, depois contra o próximo e, finalmente, contra si mesmo. As respostas lhes darão, ou o descanso para a própria consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

“Portanto, o conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual. Mas, dirão: como há de alguém julgar a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas há um

meio de verificação que não pode iludi-los: quando estiverem indecisos sobre o valor de uma de suas ações, inquiram como a qualificariam se fosse praticada por outra pessoa. Se a censuram nos outros, não poderão tê-la por legítima quando fosse o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurem também saber o que dela pensam os seus semelhantes e não desprezem a opinião dos seus inimigos, pois esses não têm nenhum interesse em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao lado de vocês como um espelho, a fim de que sejam advertidos com mais franqueza do que um amigo faria. Como consequência, perscrute a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de se melhorar, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu lhes asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulem, pois, de vocês para consigo próprio, questões nítidas e precisas e não temam multiplicá-las. É justo que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalham todos os dias com o fim de juntar haveres que lhes garantam repouso na velhice? Esse repouso não constitui o objeto de todos os seus desejos, o fim que lhes faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do íntimo, visto desejarmos fazer que compreendam esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em sua alma. Por isso foi que primeiro chamamos a sua atenção por meio de fenômenos capazes de ferir os seus sentidos e que agora damos instruções, que cada um de vocês se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos O LIVRO DOS ESPÍRITOS”.

(Idem – Questão 919)

No livro “O MAIOR MILAGRE DO MUNDO”, de Og Mandino, encontramos quatro sugestões para a vitória pessoal:

- 1) Conta as tuas bênçãos (porque as recebeu);
- 2) Proclama a tua raridade (porque é único e insubstituível para Deus);
- 3) Anda mais uma milha (trabalha e confia no Senhor);
- 4) Usa sabiamente o teu poder de escolha (porque tem a direção da tua vida nas mãos).

Do ponto de vista terreno, a máxima: Busquem e acharão é semelhante a esta outra: Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da lei do progresso, porque o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XXV, Item 2)

PESQUISA COMPLEMENTAR

Livro: Cap. XII da 3ª Parte de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec;
“AUTODESCOBRIENTO – Uma busca interior”, (Joanna de Ângelis) Divaldo
Pereira Franco, Editora Leal.

Uma busca interior

Muito antes da valiosa contribuição dos psiquiatras e psicólogos humanistas e transpessoais, quais Jubler Ross, Grof, Raymond Moody Júnior, Maslow, Tart, Viktor Frankl, Coleman e outros, que colocaram a alma como base dos fenômenos humanos, a psicologia espírita demonstrou que, sem uma visão espiritual da existência física, a própria vida permaneceria sem sentido ou significado.

O reducionismo, em psicologia, torna o ser humano um amontoado de células sob o comando do sistema nervoso central, vitimado pelos fatores da hereditariedade e pelos caprichos aberrantes do acaso.

A saúde e a doença, a felicidade e a desdita, a genialidade e as patologias mentais, limitadoras e cruéis, não passam de ocorrências estúpidas da eventualidade genética.

Assim considerado, o ser humano começaria na concepção e anular-se-ia na morte, um período muito breve para o trabalho que a Natureza aplicou mais de dois bilhões de anos, aglutinando e aprimorando moléculas, que se transformaram em um código biológico fatalista...

Por outro lado, a engenharia genética atual, aliando-se à biologia molecular, começa a detectar a energia como fator causal para a construção do indivíduo, que passa a ser herdeiro de si mesmo, nos avançados processos das experiências da evolução.

Os conceitos materialistas, desse modo, aferrados ao mecanismo fatalista, cedem lugar a uma concepção espiritualista para a criatura humana, libertando-a das paixões animais e dos atavismos que ainda lhe são predominantes.

Inegavelmente, Freud e Jung ensejaram uma visão mais profunda do ser humano com a descoberta e estudo do inconsciente, assim como dos arquétipos, respectivamente, constatando a realidade do Espírito, como explicação para os comportamentos variados dos diferentes indivíduos que, procedentes da mesma árvore genética, apresentam-se fisiológica e psicologicamente opostos, bem e mal dotados, com equipamentos de saúde e de desconcerto.

Não nos atrevemos a negar os fatores hereditários, sociais e familiares na formação da personalidade da criança. No entanto, adimos que eles decorrem de necessidades da evolução, que impõem a reencarnação no lugar adequado, entre aqueles que propiciam os recursos compatíveis para o trabalho de autoiluminação, de crescimento interior.

O lar exerce, sem qualquer dúvida, como ocorre com o ambiente social, significativa influência no ser, cujos ônus serão o equilíbrio ou a desordem moral, a harmonia física ou psíquica correspondente ao estágio evolutivo no qual se encontra.

A necessidade, portanto, do autodescobrimento, em uma panorâmica racional torna-se inadiável, a fim de favorecer a recuperação, quando em estado de desarmonia, ou o crescimento, se portador de valores intrínsecos latentes. Enquanto não se conscientize das próprias possibilidades, o indivíduo aturde-se em conflitos de natureza destrutiva, ou foge espetacularmente para estados depressivos, mergulhando em psicoses de vária ordem, que o dominam e inviabilizam a sua evolução, pelo menos momentaneamente.

A experiência do autodescobrimento faculta-lhe identificar os limites e as dependências, as aspirações verdadeiras e as falsas, os embustes do ego e as imposturas da ilusão.

Remanescem-lhe no comportamento, como herança dos patamares já vencidos pela evolução, a dualidade do negativismo e do positivismo diante das decisões a tomar.

Não identificado com os propósitos da finalidade superior da Vida, quando convidado à libertação dos vícios e paixões perturbadores, das aflições e tendências destrutivas, essa

dualidade do negativo e do positivo desenha-se no seu pensamento, dificultando-lhe a decisão.

É comum, então, o assalto mental pela dúvida: Isto ou aquilo? A definição faz-se com insegurança e o investimento para a execução do propósito novo diminui ou desaparece face às contínuas incertezas.

Fazem-se imprescindíveis alguns requisitos para que seja logrado o autodescobrimento com a finalidade de bem-estar e de logros plenos, a saber: insatisfação pelo que se é, ou se possui, ou como se encontra; desejo sincero de mudança; persistência no tentame; disposição para aceitar-se e vencer-se; capacidade para crescer emocionalmente.

Porque se desconhece, vitimado por heranças ancestrais - de outras reencarnações -, de castrações domésticas, de fobias que prevalecem da infância, pela falta de amadurecimento psicológico e outros, o indivíduo permanece fragilizado, suscetível aos estímulos negativos, por falta de autoestima, do autorrespeito, dominado pelos complexos de inferioridade e pela timidez, refugiando-se na insegurança e padecendo aflições perfeitamente superáveis, que lhe cumpre ultrapassar mediante cuidadoso programa de discernimento dos objetivos da vida e pelo empenho em vivenciá-lo.

Inadvertidamente ou por comodidade, a maioria das pessoas aceita e submete-se ao que poderia mudar a benefício próprio, autopunindo-se, e acreditando merecer o sofrimento e a infelicidade com que se vê a braços, quando o propósito da Divindade para com as suas criaturas é a plenitude, é a perfeição.

Dominado pela conduta infantil dos prêmios e dos castigos, o indivíduo não amadurece o eu profundo, continuando sob o jugo dos caprichos do ego, confundindo resignação com indiferença pela própria realização da ocorrência – dor sem revolta, porém atuando para erradicá-la.

Liberando-se das imagens errôneas a respeito da vida, o ser deve assumir a realidade do processo da evolução e vencer-se, superando os fatores de perturbação e de destruição.

Ao apresentarmos o nosso livro aos interessados na decifração de si mesmos, tentamos colocar pontes entre os mecanismos das psicologias humanista e transpessoal com a Doutrina Espírita, que as ilumina e completa, assim cooperando de alguma forma com aqueles que se empenham na busca interior, no auto descobrimento.

Não nos facultamos a ilusão de considerar o nosso trabalho mais do que um simples ensaio sobre o assunto, com um elenco amplo de temas coligidos no pensamento dos eméritos da alma e com a nossa contribuição pessoal.

Uma fagulha pode atear um incêndio.

Um fascículo de luz abre brecha na treva.

Uma gota de bálsamo suaviza a aflição.

Uma palavra sábia guia uma vida.

Um gesto de amor inspira esperança e doa paz.

Esta é uma pequena contribuição que dirigimos aos que sinceramente se buscam, tendo Jesus como Modelo e Terapeuta Superior para os problemas do corpo, da mente e do espírito.

Rogando escusas pela sua singeleza, permanecemos confiantes nos resultados felizes daqueles que tentarem o autodescobrimento, avançando em paz.

(AUTODESCOBRIENTO, (pelo Espírito Joanna de Ângelis) Divaldo Pereira Franco, Editora Leal)

AGENDA MÍNIMA

ROTEIRO PRÁTICO

A evolução é lenta, caminha no compasso da natureza, mas a própria natureza tem seus ciclos e nossa humanidade está justamente vivenciando a fase de transição de um ciclo para outro.

É algo semelhante ao que acontece com a borboleta, após longo período no casulo, gestando sua metamorfose: um dia sai completamente modificada, abre as asas e, bela e leve, irradiando alegria, parte para nova etapa.

O mesmo acontece conosco. Se estivemos encasulados ao longo dos séculos ou milênios, em gestação evolutiva, podemos fazer agora um esforço maior para promovermos nosso “nascimento cósmico”, como seres melhorados. Podemos também permanecer no casulo, aguardando nova primavera nos ciclos do tempo. Só depende de nós.

E não se pense que pelo fato de sermos espíritas, detendo conhecimentos mais avançados, estejamos num degrau superior, porque como disse o espírito Ermance Dufaux **“Espiritismo na cabeça é informação, no coração é transformação”**. E é bom observar que essa transformação não acontece, ou então ocorre de forma excessivamente lenta, se não lhe dermos prioridade.

Até agora nos meios espíritas vem-se priorizando o estudo doutrinário, que é importante, mas peso maior tem em nossa evolução a vivência dos conteúdos espíritas, que são muito simples e estão ao alcance de qualquer intelecto, por mais pobre que seja.

Enquanto isso os Espíritos continuam enfatizando, sempre com maior insistência, quanto à nossa mais premente necessidade nesta fase de transição, a transformação interior.

Mas por que não conseguimos realizá-la, quanto desejaríamos?

Essa transformação interna é tão difícil, por sermos o resultado de milenares elaborações no bojo do tempo e das reencarnações, que para se conseguir resultados apreciáveis é necessário:

- a) Dar-lhe absoluta prioridade;
- b) Ter um programa evolutivo fácil e objetivo.

Então, no bojo de muitas reflexões e ajuda dos irmãos maiores, fomos conseguindo anotar ideias e conclusões, construindo este programa evolutivo muito simples e de fácil aplicação.

REFLEXÃO BÁSICA

É fácil observar como, em nosso esforço evolutivo, vimos desperdiçando forças em ações esporádicas e dispersas, que não conseguem realmente realizar a reforma ou as transformações interiores necessárias, desestimulando nossas pretensões evolutivas.

Mas se nos fixarmos numa agenda com poucos pontos essenciais, adotando-a como meta, como roteiro a ser seguido, priorizando esforços nesse sentido, fica muito mais fácil e produtivo alavancar essa reforma.

Neste opúsculo, mesmo limitado pelo pouco alcance de nossa visão espiritual, estamos propondo uma agenda mínima de ações e atitudes que ajudarão sobremodo nossa evolução espiritual.

Se adotarmos esta agenda e priorizarmos sua implementação em nossas vidas estaremos desenvolvendo, de forma mais rápida e intensa, nossos valores latentes, acendendo nossa luz, enfim, realizando a nossa reforma interna.

Tal esforço é imprescindível se quisermos compartilhar conscientemente da grande transição do nosso planeta, de “provas e expiações” para o “mundo de regeneração” de que falam os Espíritos.

Em mensagem psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, no dia 30 de julho de 2006, no Rio de Janeiro, falando sobre essa transição, o Espírito Joana de Angelis diz:

“Opera-se, na Terra, neste largo período, a grande transição anunciada pelas Escrituras e confirmada pelo Espiritismo. O planeta sofrido experimenta convulsões especiais, tanto na sua estrutura física e atmosférica, ajustando as suas diversas camadas tectônicas, quanto na sua constituição moral. (...) Não serão apenas os cataclismos físicos que sacudirão o planeta – como resultado da lei de destruição, geradora desses fenômenos, como ocorre com o outono que derruba a folhagem das árvores, a fim de que possam enfrentar a invernia rigorosa, renascendo exuberantes com a chegada da primavera –, mas também os de natureza moral, social e humana que assinalarão os dias tormentosos, que já se vivem (...). A melhor maneira, portanto, de compartilhar conscientemente da grande transição é através da consciência de responsabilidade pessoal, realizando as mudanças íntimas que se tornem próprias para a harmonia do conjunto. (...) Nenhuma conquista exterior será lograda se não proceder das paisagens íntimas, nas quais estão instalados os hábitos. Esses, de natureza perniciosos, devem ser substituídos por aqueles que são saudáveis, portanto, propiciatórios de bem-estar e de harmonia emocional”.

Não acha que tais advertências são por demais sérias para deixarmos nossa vidinha continuar a “correr solta”, podendo acabar nos levando a reencarnar em algum mundo primitivo, ou em algum povo dos mais atrasados do nosso planeta, até acordarmos para as reais necessidades do nosso espírito imortal?

Esta Agenda Mínima, oferta dos amigos espirituais, vem ajudar sobremaneira aqueles que realmente estão querendo transformar intenções em atitudes.

Um dos seus diferenciais é que ela prioriza a ação evolutiva a partir dos estados de espírito. Isto é muitíssimo mais fácil do que ficar vigiando cada pensamento, palavra, sentimento e ação. Apenas praticar ações virtuosas é algo superficial, não muda estruturas, mas desenvolver estados de espírito é trabalhar os valores correspondentes, em sua profundidade.

Outro diferencial é o fato dela resumir todo um processo evolutivo – que demandaria um número infinito de ações – em apenas cinco pontos. Quatro são estados de espírito e um é atributo da mente.

OBSERVAÇÃO: Nesta nova edição, estamos retirando dois dos pontos complementares, o compromisso e as atitudes, por entender que já estão implícitos no processo de crescimento interior, não precisando ser citados.

AFETIVIDADE

Sendo o amor o maior dos valores da alma, o primeiro ponto a ser considerado é a afetividade, caminho que nos leva a ele.

As manifestações do amor são tão infinitas, desde as mais primárias até às mais elevadas, que fogem ao nosso entendimento. Na verdade sabemos teorizá-lo, mas não o conhecemos em sua plenitude.

Sabemos, no entanto, que nossos pensamentos, palavras, sentimentos e ações são fortemente influenciados pelos nossos estados de espírito, pelo nosso “clima interior”. Assim, cuidando desse “clima”, estaremos facilitando sobremaneira a vivência de atitudes mais condizentes com o conhecimento espiritual que já alcançamos e com o nosso momento

evolutivo.

Num seminário sobre perdão e autoperdão o médium e orador espírita Divaldo P. Franco disse:

“Dois físicos quânticos de renome estabeleceram que quando nós amamos, produzimos moléculas, micropartículas que podem ser semelhantes a fótons e vitalizam-nos a corrente sanguínea, e quando odiamos, quando nutrimos raiva ou mágoa, geramos micropartículas semelhantes ao elétron, e elas destroem nosso sistema imunológico, e nós adoecemos”.

Informou ainda Divaldo que o Dr. Mark Cleland, da universidade de Harvard, diz que os derivados do amor produzem linfócitos que sustentam a vida, e que o otimismo nos ajuda a viver.

Vemos então que, desenvolver amor nos sentimentos e vivenciá-lo, não reflete apenas um ensinamento de natureza religiosa, mas também a própria ciência do bem viver.

Nos últimos anos inúmeras pesquisas científicas vêm demonstrando a eficiência de valores como o amor e o perdão na geração de saúde e bem-estar. Percebemos então como os ensinamentos de Jesus, sob a ótica dessas descobertas e constatações científicas, assumem novas feições. Já podemos começar a deixar de vê-lo apenas pelas vias do misticismo, como o mártir da cruz ou o fundador de religiões, pois Ele agora nos surge na condição de cientista cósmico, de Mestre que veio nos ensinar a perfeita ciência do bem-viver. Suas lições já podem deixar de representar aqueles chavões com cheiro de obrigação religiosa ou caminho para a colônia espiritual **Nosso Lar**, surgindo em toda a sua plenitude como verdades que, obedecidas, promovem o bem-estar da criatura e o seu crescimento como ser cósmico e eterno.

Perdoar, amar, ser fraterno, pacífico, mais que preceitos religiosos são fatores de saúde física e psíquica, porque geram energia psíquica positiva, de boa qualidade. São também fatores de prosperidade material, até o ponto em que a programação reencarnatória permita, porque a pessoa que se habitua a desenvolver vibrações de elevado teor gera uma presença agradável, que lhe abre muitas portas.

Na verdade, há dentro de nós um universo de conhecimentos a serem buscados, de capacidades, aptidões e possibilidades infinitas que poderão nos conduzir a patamares evolutivos mais compatíveis com as características de um mundo de regeneração.

Apresentamos, assim, a afetividade como o primeiro ponto, o primeiro valor a ser considerado nesta agenda mínima, não só pelos atributos já identificados, mas também por fornecer conteúdo ou alicerce para os demais valores crescerem e se firmarem.

Mas como desenvolvê-la, já que isto é tão difícil?

O primeiro passo está em exercitá-la continuamente visando criar condicionamento. Quando conseguirmos estar sempre atentos para gerar afetividade, esse valor começará a fazer parte do nosso psiquismo e emoções. A grande dificuldade, no entanto, está em nos lembrarmos sempre desse propósito.

Para solucionar essa questão pode-se utilizar alguns recursos, inclusive lançar mão de benefícios da tecnologia, tais como:

- 1) Programar o celular, o computador, ou um relógio para emitir algum som a cada meia hora e, sempre que escutá-lo, desenvolver um estado interior de afetividade.
- 2) Colocar pequenos lembretes em alguns locais. Com um pouco de criatividade consegue-se isto facilmente.
- 3) Adquirir um bracelete, um colar ou algo semelhante para, ao percebê-lo ou senti-lo, lembrar-se de exercitar afetividade.

Pode-se também estabelecer determinados momentos para exercitá-la, tais como, durante o banho e as refeições, à hora de dormir e antes de levantar. São momentos em que ocorre maior desligamento do corre-corre do cotidiano, facilitando a introjeção de amorosidade

nos sentimentos.

Durante o banho pode-se mentalizar a energia da água a lavar também os resíduos energéticos negativos aderidos ao corpo espiritual. Em seguida desenvolver um sentimento de afeto pelos pés, as pernas, os quadris, lembrando o quanto eles são importantes. Da mesma forma, visitar com muito carinho o abdômen e o tórax com seus órgãos internos, e assim por diante até amar todo o corpo, conscientemente. Depois, sentir amor pela própria alma, pelo espírito, por todo o ser.

E assim, envolvidos nessas vibrações de luz, direcionar essa sublime emoção para o ambiente em torno; levá-la mentalmente a se espalhar em todas as direções, envolvendo nessa vibração tudo e todos, sem qualquer restrição.

Outra forma muito importante para desenvolver amorosidade é olhar para alguém e envolvê-lo numa vibração de afeto, de carinho. Isto podemos fazer sempre, em todos os momentos em que houver pessoas ao alcance da nossa visão. Mas não devem ser apenas os seres humanos os objetos da nossa afetividade e, sim, tudo que vive e até mesmo os inanimados, porque o amor é um poder que se irradia, sem escolher alvo.

Se prestarmos atenção, podemos perceber quão infinitas vezes em nosso cotidiano podemos desenvolver afetividade. Por exemplo, quando vemos uma pessoa feia ou desagradável é natural nos colocarmos internamente em posição superior a ela. Mas se a olharmos com olhar afetivo, pensando nas imensas dificuldades que deve enfrentar por causa da sua condição, lhe enviaremos uma vibração de simpatia, de fortaleza, de soerguimento.

Da mesma forma, ao nos depararmos com um tipo mau, repugnante ou facínora. Pelo olhar afetivo veremos que seu espírito é da mesma essência que o nosso, e que ele apenas está vivenciando fases primárias em suas experiências evolutivas, em patamares ainda degradantes, mas que um dia sua luz interior irá iluminá-lo por completo, assim como acontecerá também com nós outros. Então lhe enviaremos uma vibração de afeto e de indução ao bem.

Quando conseguirmos perceber as profundas implicações no uso da afetividade em nosso cotidiano, tornando-a atitude predominante, poderemos também observar como o nosso interior mudou, iluminou-se.

Sente-se afeto em várias modalidades:

- a) Por si mesmo;
- b) Por pessoas que correspondem a esse sentimento na mesma medida. Esse é o afeto das trocas, portanto, egoísta;
- c) Por pessoas ou alguma comunidade eletiva, como por exemplo, a religiosa. Esse ainda é um afeto egoísta, porque existe em razão de trocas;
- d) Por tudo e todos de forma indiscriminada, assim como as águas de uma fonte que jorram, sem pedir nada em troca. Esse é um afeto não egoísta. É abrir o coração para uma terna vibração, que traz em seu bojo a alegria. É olhar com carinho para o cachorro “vira-latas”, abandonado, sarnento, como se estivesse vendo algo muito precioso.

Quando assumimos um estado de espírito afetivo, nos tornamos pessoas mais brandas, pacificadoras, propensas à alteridade e com mais facilidade para desenvolver a humildade.

A afetividade relaxa.

ALTERIDADE

O segundo ponto é a alteridade, palavra que só agora começa a se tornar mais conhecida, principalmente nos meios espíritas.

De forma resumida podemos dizer que ela representa o respeito que devemos ter para com todos, além da disposição para aceitar e aprender com os que são e pensam diferente de nós. É também a construção da fraternidade apesar das divergências, respeitando-as e

procurando aprender com as diferentes opiniões. Mas vivenciar o valor da alteridade não significa deixar de discutir, debater, questionar. A discussão, o debate e o questionamento são saudáveis quando se respeita o outro e a sua maneira de ser e de pensar.

A alteridade nos ajuda a abrir caminhos para uma compreensão mais elevada sobre tudo. É o mais importante mecanismo para o crescimento do homem como ser social, que pode levá-lo a interagir pacífica e beneficentemente com tudo que o cerca. É, sem dúvida, o veículo capaz de conduzir a humanidade para a tão esperada nova era.

A postura alteritária nos leva a ver todos com bons olhos, lembrando as palavras de Jesus: “Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas” (Mateus, 6:22-23).

A pessoa que vivencia a alteridade passa a ser mais fraterna em todos os sentidos, deixando de criticar, julgar, agredir... E esse tipo de atitudes deixa o ser em paz consigo mesmo, com a humanidade, com a vida.

Aí você poderá contestar dizendo que isto torna a criatura alienada. Mas há grande diferença entre analisar – com vistas ao próprio aprendizado e também no intuito de ajudar, caso seja viável – e julgar ou criticar. As posturas de julgamento e crítica geralmente denotam uma ideia de superioridade, porque ao criticarmos o outro estamos querendo diminuí-lo, para que a nossa “grandeza” fique mais visível. Com tais atitudes, que têm como combustível o orgulho e a vaidade, estamos enviando uma vibração negativa ao objeto da nossa crítica, seja ele uma pessoa, uma instituição ou uma nação, já que as instituições e as nações são formadas por pessoas.

Por exemplo, você vê alguém caminhando sobre a grama de uma praça para encurtar caminho e pensa: “Que criatura mais sem educação!”.

Nesse ato de criticar intimamente a atitude daquela pessoa, você está gerando uma vibração negativa, ou seja, “energia psíquica” de teor negativo. Parte dessa energia fica em você mesmo, seu gerador, e outra parte alcança a pessoa que pisou a grama para cortar caminho. Por outro lado, se registrar o ato errado, mas respeitando a diferença do outro não criticá-lo, estará fazendo um bem a si mesmo e deixando de fazer mal a outrem. Mas digamos que, agindo com alteridade e com afeto, você entende que deve falar-lhe, alertando-o para o erro que está cometendo, fá-lo-á então de forma a não humilhá-lo, encontrando a melhor maneira de ser, junto àquela pessoa, uma presença benéfica. Mas se esse alerta for inviável, poderá enviar-lhe uma vibração fraterna junto com a ideia de que não se deve pisar a grama, para que esse tipo de vibração, alcançando o alvo, possa induzi-lo a não mais praticar esse tipo de ações, atuar sobre ele como fator indutor.

Desenvolvendo a alteridade, respeitando completamente a maneira de ser dos outros em seus erros, equívocos e até mesmo em suas maldades, lembrando que todos somos seres em diferentes faixas evolutivas, tornamo-nos mais leves, mais de bem com a vida, mais alegres e também mais saudáveis. E se entendermos e vivenciarmos verdadeiramente a alteridade e a afetividade, faremos uma prece pelos que estamos observando em erro e lhes direcionaremos vibrações positivas, indutoras de ações mais corretas.

Mas há um ponto importante a ser percebido em sua totalidade e de forma não distorcida. Diz respeito à crítica. Como o ser humano, ou grande parte da humanidade, tem a tendência de pular de um extremo para o outro, é bem provável que muitos, ao abraçarem as ideias da alteridade, caiam nesses extremos e passem a adotar a omissão ou a convívência como sendo posicionamentos alteritários.

Ocorre que exercer a faculdade da crítica faz parte do crescimento do ser humano. Só que há dois tipos de crítica, uma é saudável, a outra não.

Na crítica saudável observamos, analisamos, buscando entender os porquês, confrontando tudo com o que sabemos e o que entendemos que seja o melhor e o mais correto, sempre na intenção do aprendizado e visando roteirizar para nós próprios os melhores modelos. Podemos também realizar essas análises, visando de alguma forma colaborar para

que sejam corrigidos ou minimizados os erros que vamos encontrando em nossas apreciações. Se acrescermos a esse tipo de crítica os valores da afetividade, havemos sempre de encontrar a melhor maneira de ajudar, de ser presenças benéficas onde estivermos, nem que essa ajuda se dê tão somente através de uma prece ou de uma vibração positiva. Isto equivale a uma atmosfera interna de boa vontade, de olhar tudo e a todos com bons olhos, a desenvolver uma vibração positiva. Isto é benéfico para quem age dessa forma, para os que o circundam e também interfere ou interage de forma positiva com as próprias circunstâncias.

Na crítica saudável podemos dialogar com tranquilidade, debater nossos pontos de vista, trocar ideias, estar abertos para aprender com os outros, enfim, participar ativamente das situações, sempre visando o bem geral.

No tipo de crítica não-saudável, desenvolvemos uma ambiência interna pesada, do contra, sempre dispostos a encontrar erros em torno de nós. Posturas assim são geradoras de energismo pesado, desagregador, além de fomentar orgulho e vaidade em quem as vivencia.

Também é digno de nota o fato de que nos meios espíritas é muito fácil desenvolvermos um estado de crítica negativa com relação às religiões e a outros saberes, tendo em vista o universo de conhecimentos transcendentais que o Espiritismo nos proporciona. Esse tipo de procedimento é também gerador de orgulho. Mas uma postura alteritária é niveladora, ajudando a eliminar o orgulho, por nos propiciar entendimentos mais amplos, pelos quais podemos perceber a importância de todos os demais saberes, filosofias e religiões na evolução da humanidade.

Outro dia, quando fazia a caminhada matinal, ao passar diante de um condomínio em construção, um homem – vigia noturno da obra – lia a Bíblia para uma mulher.

Meu primeiro impulso foi pensar: “Um evangélico querendo converter alguém, logo cedo”. Mas, lembrando-me da alteridade, mudei meu estado de espírito com relação àquela situação e iniciei um discurso de censura para comigo mesma. Logo em seguida, porém, recordei-me das lições que venho aprendendo com esta Agenda Mínima, enquanto a vou escrevendo. Então, ao invés da autocensura, preferi “olhar” a cena com uma visão diferente, e fiquei comovida com o que vi: uma pessoa pobre, certamente sem instrução, ocupando-se em repassar a outrem os ensinamentos de Jesus, quando poderia estar comentando o crime da véspera que ainda circulava na mídia e na boca do povo.

Olhei-os então com outros olhos e enviei-lhes uma vibração afetuosa. Segui caminho, sentindo-me feliz, desse tipo de felicidade que sentimos quando olhamos o outro com afeto, com alteridade e com humildade.

Assim, por tudo que podemos observar em nós e em torno de nós, é possível perceber a importância da alteridade em todos os relacionamentos. Nos meios espíritas ela se torna uma postura de vanguarda, sinalizando um modelo de convívio para o novo tempo, o mundo de regeneração.

A afetividade e a alteridade também são importantes para a paz. Ver os outros com olhar alteritário minimiza quaisquer razões para a violência. Vê-los com olhar afetivo dilui as vibrações agressivas e desfaz impulsos violentos.

O escritor e palestrante espírita Alkíndar de Oliveira, pinçou algumas observações do Espírito Ermance Dufaux, do livro “REFORMA ÍNTIMA SEM MARTÍRIO”, psicografado por Wanderley S. Oliveira, nas quais vale a pena refletir:

“Aprender a discordar sem gostar menos, de nossos companheiros”.

*

*“Aceitar cada pessoa como é, procurando entender os **porquês** dos incômodos que sentimos com esse ou aquele coração”.*

*

“Pensar sempre com bondade sobre quaisquer pessoas, em quaisquer situações”.

*

“Ajuizar, com isenção de ânimo, o valor das ideias alheias”.

*

“Onde houver duas ou mais pessoas reunidas... ali estará o conflito. Cabe a nós aprender a administrar os conflitos interpessoais e isto só será possível se tivermos alteridade”.

E que viva o amor, em todas as suas manifestações.

HUMILDADE

O terceiro ponto é a humildade.

Mas que é exatamente humildade? É fazermos-nos pequenos, menores do que somos na realidade? É minimizar nossos valores?

Certamente, não.

A humildade é uma percepção clara da nossa real condição. Nem para mais, nem para menos. Se for para mais nos levará ao orgulho, porque a ideia de sermos mais evoluídos do que nossa realidade acarreta envaidecimento, já que, pela nossa pouca evolução, estamos ainda muito predispostos a cair nessa ilusão.

Se forçarmos nossa percepção para menos, isto nos levará a uma situação irreal e à diminuição da nossa autoestima, o que é prejudicial para nossa vida e evolução. Mas como podemos encontrar nossa real condição? Aprofundando o autoconhecimento.

Mas é preciso ter cuidado porque geralmente ao mergulharmos em nossa intimidade nessa busca, temos como foco, mesmo inconsciente, encontrar valores ainda não descobertos.

Hoje, pela manhã, ao fazer a caminhada diária, tive ocasião de entender essa questão por um ângulo diferente.

Numa prece pedi a Deus e aos Espíritos benfeitores que me ajudassem a me tornar humilde, a conhecer minha realidade mais íntima, a fim de que esse conhecimento me ajudasse nesse desiderato.

Pus-me então a refletir, percebendo que um amigo espiritual conduzia minhas reflexões e, assim, na busca à minha realidade, comecei por fazer um questionamento.

Se nunca tivesse tido orientação, assistência e participação espiritual em minhas ações e na condução da minha vida, como eu seria ou estaria agora?

Era uma questão difícil, mas importante. E como entremostrava um universo excessivamente vasto, achei melhor fixar-me apenas na minha vida como espírita.

Voltei então atrás no tempo, desde os primeiros passos neste caminho, perguntando-me sempre como teria sido se os espíritos não me tivessem auxiliado, orientado e conduzido?

Dessas perguntas restou um saldo que certamente estava bem abaixo do esperado.

Percebi então que não seria, na minha realidade, o que hoje “estou”, e nesse caminhar rememorativo cheguei ao momento em que comecei a atuar na divulgação do Espiritismo ao público externo: coluna no jornal, programa no rádio, peças teatrais, livros e muitas outras atividades que se foram desdobrando ante meu olhar interior. Mas esse olhar já era diferente. Ao perguntar-me como teria sido se não tivesse recebido assistência espiritual em cada etapa, em cada momento... só encontrava o vazio. Não havia respostas.

Fui trazendo à memória a forma como todas essas ações começaram e percebi com absoluta clareza que mãos invisíveis sempre conduziram absolutamente tudo.

Tudo que tenho escrito, todas as iniciativas, tudo sempre começou e continuou pela ação deles. Até mesmo isto que estou escrevendo agora, foi-me intuído por eles. Nada do que fiz e faço é de minha exclusiva lavra. Na verdade, sou apenas a mão que executa.

Como segundo passo, comecei a imaginar como eu seria hoje, não tivesse sido “levada” para este caminho. Talvez fosse uma dona-de-casa unicamente preocupada com os afazeres domésticos e as conversas com as vizinhas, dissecando a vida dos outros, ou detalhando os acidentes, crimes e fofocas ocorridos mais recentemente. Talvez fosse uma profissional inteiramente tomada pelas atividades e a luta pela sobrevivência. Provavelmente

estaria enfrentado situações as mais amargosas e sofridas, em difíceis resgates, sem poder contar com o apoio e amparo dos amigos espirituais. Em qualquer dessas situações eu me via como uma pessoa absolutamente insignificante. Pior ainda, ao pensar que sem a assistência dos amigos espirituais, quem sabe poderia ter-me tornado alguém de presença negativa, maléfica.

Que terrível “virada”!

Já olhava os transeuntes percebendo-me abaixo de todos, sem qualquer valor. Senti então, não exatamente humildade, mas uma terrível sensação de inferioridade e de impotência, e o desânimo começou a se instalar.

Mas antes que se instalasse e, certamente com ajuda do benfeitor espiritual, lembrei-me de um dos pontos desta Agenda, o equilíbrio.

Se analisasse com equilíbrio, entenderia que em todo esse andamento da minha vida como espírita houve também minha participação, embora mínima:

- a) Deixei que me conduzissem, agindo com o valor da “boa vontade”;
- b) Assumi o compromisso firmado antes da minha reencarnação, procurando fazer a minha parte;
- c) Esforcei-me por me conectar com o “mais alto” através da prece, das atitudes e ações, dentro da minha limitada evolução e, apesar das quedas e tropeços, não desisti;
- d) Tenho procurado ser a “mão que executa”, mesmo sem ter sempre executado da melhor maneira.

Com essas observações já deu para respirar mais aliviada, mas a “queda na realidade” foi extremamente marcante.

Acredito que daqui em diante, se meus pensamentos convergirem para o que “estou”, olharei para mim mesma procurando imaginar como seria e como estaria, não fosse a assistência e ajuda dos benfeitores espirituais. Assim poderei ver a minha realidade, a minha verdadeira condição, e isto me ajudará a caminhar no rumo da humildade e, no lugar do orgulho, começar a construir um espaço para a gratidão, com profunda admiração pelo grandioso valor, o amor, que leva tantos a acolherem e a ajudarem tantos outros de forma absolutamente desinteressada (a referência é aos Espíritos benfeitores).

Quando “caímos na realidade” percebemos que não há razões para nos sentirmos engrandecidos por nossas constatações distorcidas, pelos elogios recebidos ou por quaisquer outras razões. Tudo em nossas vidas será motivo de gratidão àqueles que nos assistem e motivação para buscarmos cada vez mais nosso crescimento interior.

Mas esse mergulho em nossa realidade apresenta também outro desdobramento, o nosso grau de evolução espiritual, aquilo que SOMOS, não o que aparentamos ser.

Esse “aparentar” é muito bem explicado pelo Espírito Ermance Dufaux, no livro REFORMA ÍNTIMA SEM MARTÍRIO, quando fala nas inúmeras máscaras que usamos num processo de “santificação de adorno”, quando diz:

“Percebe-se que esse tipo de **santificação** está no nosso exterior, como mera vestimenta ou adorno a ser mostrado aos outros, principalmente aos companheiros da seara, por receio de sermos por eles julgados e tidos como **maus espíritas**, ou seja, de cairmos no conceito da comunidade em que estamos inseridos. Mas lembremos que Jesus enfatizou muito essa questão das aparências e a própria lógica nos diz que ela não tem qualquer consistência. Ao contrário, é muito prejudicial à nossa evolução porque nos leva, ao longo do tempo, a acreditar que realmente somos o que aparentamos, engano que nos custará muitas dores, tristezas e arrependimento após ingressarmos no reino da verdade pelas portas da desencarnação”.

Ermance e outros Espíritos falam muito sobre as grandes decepções e sofrimentos de espíritas em seu retorno ao mundo espiritual, quando em contato mais profundo com sua

própria realidade, por causa desse “aparentar ser o que na realidade não se é”.

E essa realidade é fácil de constatar quando nos colocamos de atalaia junto a nós mesmos, ou como ouvidor junto à nossa fala, perguntando-nos sempre as causas profundas de tais pensamentos, palavras, atitudes e ações. Com isso podemos perceber, quando nas linhas da verdade, o quanto de enganos ainda há em nós e quanto camuflamos as nossas razões mais íntimas. Percebemos a nossa tendência em nos mostrar aos outros visando sua aprovação e elogios, porque isto faz bem ao nosso ego.

Mas a pessoa mais evoluída não se compraz com a admiração alheia. Não busca nem precisa dos “altares” e das plateias que nós outros ainda buscamos. Da mesma forma não se ocupa em contabilizar os próprios valores e qualidades, que para ela são naturais, fazem parte do seu ser.

O fato de nos atribuirmos alguma superioridade espiritual já nos informa sobre o nosso real nível evolutivo.

A humildade também leva a quem já vivencia esse valor a assumir postura de aprendiz, mesmo que tenha galgado posições de destaque, por descobrir que o muito que acredita saber e ser, nada é em relação ao que ainda precisa aprender e ser.

E assim, após todas essas reflexões, análises e constatações acabamos por perceber que estivemos caminhando sobre saltos muito altos, ou mesmo, sobre “pernas de pau”, e ao nos olharmos no espelho víamo-nos numa condição bem mais elevada que a realidade.

Esse é um momento único, que poderá decidir nosso processo evolutivo. É o momento em que, face a face com nós mesmos, podemos começar a crescer sobre as próprias bases, sem máscaras, sem ilusões.

Mas também é um momento que acarreta certo perigo, porque podemos não aceitar nossa real posição e acabar construindo novas e mais pesadas máscaras. Da mesma forma pode também surgir o desânimo ou gerar-se baixa autoestima.

Por tudo isso é necessário preparar bem o coração e a mente, e, acima de tudo, buscar ajuda divina para esses momentos tão importantes nos nossos processos evolutivos. E então, após todas as constatações, quando, mais que perceber, começamos a “sentir” a nossa pequenez, passamos também a nos sentir mais leves e mais livres.

Outro ponto importante é nos aprofundarmos nessa busca interior sem o intuito de nos criticar, censurar ou baixar a autoestima em razão das coisas negativas que formos encontrando. Devemos, sim, devassar nosso íntimo, assim como um cirurgião, a procura daquilo que nos faz mal, perdoando-nos mediante a compreensão de que somos ainda pré-adolescentes espirituais, com direito de errar, mas a caminho do nosso crescimento.

Chico Xavier se comparava a um burro de carga, ou outros qualificativos que o diminuía. Certamente foram posturas extremas que ele apresentava visando ajudar os leitores em seu combate ao orgulho, “puxando a corda da humildade” ao extremo, para ver se assim ajudava um pouco mais.

Mas o equilíbrio (outro ponto desta agenda) nos informa que, se buscarmos a nossa realidade mais profunda, sem distorções, não precisamos adotar tais posturas.

E assim, percebendo sempre que a nossa essência espiritual é “luz de Deus” ainda oculta sob a nossa imaturidade, nossa pouca idade sideral, e que somos todos iguais, embora em diferentes trechos do caminho evolutivo, será mais fácil desenvolver a humildade verdadeira. E essa humildade não será um peso a nos diminuir, a nos comprimir em nossos baixos patamares evolutivos, mas um vislumbrar de alegrias divinas a nos irmanar com todos. Nem acima, nem abaixo, mas iguais, como flores a vicejarem sob os raios do divino **sol**.

Mas há uma pergunta importante: como fica nossa situação – médiuns, dirigentes, palestrantes, escritores e demais líderes ou formadores de opinião – quando, “sob o aplauso da plateia”, nos vemos alçados a patamares irrealis? Nessas condições, reconhecendo nossa realidade íntima, não condizente com aquela que os outros veem, podemos entender que não devemos decepcionar a “plateia”, por temer que essa decepção possa recair sobre a

mensagem de que somos portadores.

Que fazer? Como agir nessas situações?

Eis uma difícil questão.

Para não “decepcionar a plateia” é fundamental deixar sempre claro que a mensagem que conduzimos não é exatamente nossa, os méritos não são nossos, pois somos apenas porta-vozes, ou as mãos que materializam a obra.

Isto não será difícil quando nós mesmos estivermos convencidos dessa realidade.

Valorizar a mensagem, sim, colocando o mensageiro no lugar que lhe cabe. Deixar bem claro que somos tão falíveis quanto os demais, e que importa refletir no teor da mensagem, sem ocupar-se com aquele que a traz. Só se decepciona quem se iludiu.

Além disso, é fundamental empenharmo-nos verdadeiramente em nossa reforma interior, buscando primeiro conhecer melhor a nós mesmos, a nossa realidade íntima e oculta, para em seguida darmos andamento mais acelerado a essa reconstrução e posterior crescimento.

Certamente é necessário também abandonar aquelas posturas de “santidade de adorno”, arrancar as máscaras e permitir que os outros nos vejam como somos. Será um verdadeiro “quebrar paradigmas”. Talvez a “plateia” se decepcione, mas terá oportunidade de aprender a desenvolver percepções mais equilibradas, a não confundir o santo com o milagre e entender que a evolução pede transparência.

Mostrar com sinceridade nosso íntimo, com suas sombras e luzes, toca muito mais do que muitas palavras elaboradas. Aproxima-nos dos outros, e essa aproximação possibilita entrelaçar esforços, somar ideais de evolução para crescer em conjunto. É muito mais fácil que crescer sozinho. Apoiando-nos uns nos outros, com sinceridade e igualdade, podemos alcançar mais facilmente nossas metas evolutivas, sem recear julgamentos humanos, nem discriminações.

Essa opção certamente é bem difícil, mas de que vale caminhar sobre altares ou por caminhos mais fáceis quando encarnados, para depois sofrer decepções e as mais diferentes dificuldades no mundo espiritual, além de precisar recomeçar tudo em futuras encarnações? E aqui cabe lembrar aquela conhecida exortação de Jesus: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta que leva à perdição”.

Convém lembrar também que essas reflexões não se restringem apenas aos formadores de opinião ostensivos. Toda pessoa sempre exerce influência, em algum grau, sobre outras pessoas.

CONTENTAMENTO

O quarto ponto desta agenda também representa um estado de espírito. É o contentamento.

É importante, é fundamental, desenvolver os valores que nos tornam pessoas melhores, presenças benéficas. Mas como ficamos em nossa intimidade? O que fica faltando para alcançarmos a plenitude? Onde ela se encontra? Certamente está no coroamento dos valores da alma, no contentamento, que é a nossa vibração de vida.

Pense numa pessoa afetuosa, alteritária, que já tenha adquirido os valores da humildade, mas triste, desalentada, arrastando sua cruz vida afora. É como um pássaro de uma só asa. Como levantar voo para novas conquistas espirituais, quando falta essa seiva de vida, o contentamento?

Os seres espirituais de elevada condição irradiam alegria. A sua presença infunde inusitado júbilo nas pessoas que possuem maior sensibilidade. É uma sensação maravilhosa de plenitude. Tudo se transforma em infinito contentamento, em puro júbilo que vibra em cada célula e em cada neurônio. É como se ficássemos “cheios de Deus”. O contentamento, na verdade, é uma elevada aquisição que podemos ir conquistando passo a passo, aproveitando todos os momentos para senti-lo, desenvolvendo-o em nossa intimidade.

Há estados de espírito como a depressão, a tristeza e o desamor, que chamaria de falsos, por não se harmonizarem com a verdadeira natureza do ser e da vida. A natureza vibra a alegria de viver em sons, movimentos e formas. Por isso não devemos deixar prosperar estados de espírito falsos. Nos casos de depressão profunda é importante procurar ajuda na medicina, por se tratar de algo que foge ao controle da própria pessoa.

Um estado de espírito prazeroso pode ser desenvolvido. Podemos nos condicionar ao júbilo. Certamente não será fácil a quem já se habituou, até mesmo ao longo de várias encarnações, a carregar os pesos da vida nas costas.

Há pessoas sofredoras, com graves deficiências físicas, passando necessidades materiais de toda sorte, sofrendo humilhações, mas que se mostram sempre alegres, de bem com a vida. Também há outras que receberam da vida tudo que alguém pode desejar, mas são carrancudas, mal-humoradas, e vivem a se queixar.

As condições materiais certamente podem influenciar nossos estados de espírito, mas só até certo ponto. Num documentário sobre a felicidade, o Globo Repórter mostrou uma mulher muito pobre que trabalhava como ascensorista e mantinha sozinha a família com dois ou três filhos e mais um neto por chegar. Estava sempre sorridente e dizia-se muito feliz.

Se prestarmos atenção iremos sempre encontrar pessoas que “vivem no sub-solo da vida” mas estão sempre alegres.

É muitíssimo importante adotar o contentamento como estado de espírito eletivo. Basta exercitar-se em cultivá-lo, ficando atento para sempre “ver” o lado bom e belo da vida, desde as pequenas até às grandes coisas.

A alegria nos torna plenos, quando vibra alicerçado na afetividade, na alteridade e com humildade de alma. Diz o Espírito Miramez que ela reveste todas as virtudes de luz.

Se não se quiser classificar o contentamento como virtude, certamente ele representa uma “vitamina espiritual”, um elixir de vida, ajudando a torná-la plena.

EQUILÍBRIO

Ao quinto ponto (último) desta agenda mínima chamamos de complementar, porque complementa todas as outras, dando-lhes um eixo. Também não é estado de espírito, mas atributo da mente. Trata-se do equilíbrio, um dos mais importantes valores do ser racional, já que possibilita maior número de acertos e evita muitas quedas. É irmão gêmeo da sabedoria.

A todo instante nos vemos a braços com escolhas, decisões e conflitos, desde os mais graves, até aos mais corriqueiros. Eles ocorrem não apenas em nossa vida de relação com o mundo exterior, mas também em nossa intimidade, no desenrolar do pensamento, nas emoções e nos sentimentos. Então, para que erremos menos, o equilíbrio deve estar sempre presente. Diríamos mesmo que já deve estar atuante até mesmo no nascedouro dos pensamentos, como alicerce de sabedoria para nossas vidas.

Vemos então a importância de buscá-lo em nossos processos evolutivos, para não cairmos nas muitas dificuldades e sofrimentos que a sua ausência pode provocar.

Nos pontos apresentados até agora o equilíbrio deve sempre estar presente.

Na afetividade, norteados os envolvimento de forma a não transformá-la em algemas, ou em dependência de qualquer natureza.

Na alteridade é fundamental para orientar nossas reflexões, debates ou discussões com serenidade, isenção de ânimo e maturidade, possibilitando gerar as mais acertadas conclusões.

Na humildade é o suporte necessário para não cairmos nos extremos, sempre prejudiciais.

No contentamento evita exageros e falsas exibições.

Em todos os atos e passos do nosso existir, portanto, o equilíbrio é valor fundamental, porque nos proporciona um alicerce necessário ao correto entendimento de tudo. Representa a maturidade despontando em quem o possui.

RESUMO

A **Agenda Mínima para evoluir** é um programa cujo diferencial é a priorização da ação evolutiva a partir dos estados de espírito, que são o fundamento de todos os nossos movimentos de vida. Cuidando desse “clima interior” estaremos facilitando sobremaneira a vivência de atitudes mais condizentes com o conhecimento espiritual que já alcançamos e com o nosso momento evolutivo.

Outro diferencial é o fato de resumir todo o processo de crescimento interior, que demandaria um número infinito de ações, em apenas cinco pontos: quatro representam estados de espírito e um é atributo da mente.

Afetividade – Sendo o amor o maior dos valores da alma, o primeiro ponto a ser considerado é a afetividade. Quando nos habituarmos a vivenciá-la, estaremos dando o mais importante dos passos no rumo do amor e da nossa evolução espiritual.

Alteridade – Resumidamente, podemos dizer que ela representa o respeito que devemos ter para com todos, além da disposição para aceitar e aprender com os que são e pensam diferente de nós. É também a construção da fraternidade apesar das divergências, respeitando-as e procurando aprender com as diferentes opiniões. Mas não significa deixar de discutir, debater, questionar. A discussão, o debate e o questionamento são saudáveis quando se respeita o outro, a sua maneira de ser e de pensar. É, sem dúvida, o veículo que ajudará a conduzir a humanidade para a tão esperada nova era.

Humildade - É uma percepção clara da nossa real condição. Nem para mais, nem para menos. Se for para mais, nos levará ao orgulho, porque pensar que somos mais evoluídos do que nossa realidade, acarreta envaidecimento. Pela nossa pouca evolução, estamos ainda muito predispostos a cair nessa ilusão.

Se fortalecermos nossa percepção para menos, isto nos levará a uma situação irreal e à diminuição da nossa autoestima, o que é prejudicial para nossa vida e evolução.

Contentamento – É importantíssimo desenvolver os valores que nos tornam pessoas melhores, presenças benéficas. E quanto a nós? O que fica faltando para alcançarmos a plenitude? Certamente ela está no coroamento dos valores da alma, no contentamento, que é nossa vibração de vida.

Equilíbrio – Complementa todos os outros, dando-lhes um eixo. Não é estado de espírito, mas atributo da mente e um dos mais importantes valores do ser racional, já que possibilita maior número de acertos e evita muitas quedas. É irmão gêmeo da sabedoria.

Nos pontos apresentados o equilíbrio deve sempre estar presente:

Na afetividade, norteando os envolvimento de forma a não transformá-la em algemas, ou em dependência de qualquer natureza.

Na alteridade é fundamental para orientar nossas reflexões, debates ou discussões com serenidade, isenção de ânimo e maturidade, possibilitando gerar as mais acertadas conclusões.

Na humildade é o suporte necessário para não cairmos nos extremos, sempre prejudiciais.

No contentamento evita exageros e falsas exhibições.

Em todos os atos e passos do nosso existir o equilíbrio é valor fundamental, por nos proporcionar um alicerce necessário ao correto entendimento de tudo. Representa a maturidade despontando em quem o possui.

Agora, companheiro de ideal, só está faltando você decidir-se a iniciar um programa evolutivo, dando-lhe total prioridade.

Verá, com os resultados obtidos, que realmente... VALE A PENA.

Saara Nousiainen

(Site BEM VIVER – www.bemviver.org)

Oração de São Francisco

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve alegria;

Onde houver trevas que eu leve a luz.

Ó, Mestre, fazei com que eu procure mais:

Consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe;

É perdoando que se é perdoado;

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

BREVIÁRIO

RESUMO DO ESTUDO

ESPIRITISMO OU DOCTRINA ESPÍRITA

É a Ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como das suas relações com o mundo corporal.

Como Ciência prática, consiste nas relações que se estabelecem entre o plano físico (humano) e o plano espiritual (dos Espíritos); como Filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Por sua filosofia estar fundamentada em Deus, tem caráter religioso, porém, não sendo sua Religião semelhante às tradicionais porque não faz uso de métodos e cerimoniais (rituais, sacramentos, imagens e símbolos sagrados, etc.) de praxe.

ORIGEM

Nasceu do estudo a partir do Espiritualismo moderno, em que decorrência de uma série de fenômenos espirituais espalhados por todo o planeta, com forte intensidade no Século XIX – com destaque para o caso das irmãs Fox (fenômeno Poltergeist de Hydesville) e as mesas girantes.

Pelas mãos do professor e pesquisador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, uma plêiade de Espíritos Superiores sintetizou a Revelação Espírita, distribuída nas Obras Básicas da codificação: **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** (1857); **O LIVRO DOS MÉDIUNS** (1861); **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO** (1864); **O CÉU E O INFERNO** (1865); e **A GÊNESE** (1868). Por ocasião da missão lhe conferida, o codificador passou a adotar o pseudônimo de **Allan Kardec**.

Como obras complementares, Kardec lançou livros como **O QUE É O ESPIRITISMO** e a **REVISTA ESPÍRITA** – Jornal de estudos espíritas e divulgação de temas contemporâneos. Fundou também a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, visando o intercâmbio e solidariedade entre os centros espíritas e demais núcleos de pesquisas afins. Esta mesma entidade foi a responsável pelo lançamento de **OBRAS PÓSTUMAS** (1890), livro que contém a biografia kardequiana e escritos inéditos do professor e codificador.

DEUS

Deus é a inteligência suprema do Universo, a causa primária de todas as coisas.

É **eterno**: não tem princípio nem fim;

É **imutável**: por ser perfeito, não requer nem admite mudança (instabilidade);

É **imaterial**: se tivesse corpo, estaria sujeito à matéria e mudanças;

É **único**: se houvesse outro igual, não haveria soberania;

É **onipotente**: está acima de tudo e de todos, tanto em poder como em conhecimento;

É **soberanamente bom e justo**: faz tudo com amor e justiça.

ESPÍRITOS

Os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Deus os fez por amor, com igualdade de valor e aptidões. São criados simples e ignorantes – sem conhecimento ou maldade – para marcharem sob a irresistível força do progresso rumo à perfeição intelectual e moral.

Têm a forma de uma centelha, de cor que vai do negro opaco ao rubi reluzente, e são recobertos de um envoltório semimaterial chamado **perispírito**, cuja substância é mais ou menos grosseira conforme o adiantamento espiritual, chegando a uma sutil configuração quando na perfeição.

REENCARNAÇÕES

A vida principal é a do plano espiritual – mundo preexistente e sobrevivente a tudo –, mas os Espíritos passam pelas reencarnações, em diversos mundos e estados, para experimentarem provas, expiarem suas falhas, colaborarem com o progresso dos seus semelhantes e com os desígnios de Deus, processo esse que perdura até se depure totalmente das paixões materiais e adquira o conhecimento de tudo que lhe é competido.

O estado de **erraticidade** é o intervalo das reencarnações, em que o Espírito volta ao plano astral, onde conta as graças alcançadas da viagem carnal e se prepara para a nova passagem carnal.

Na encarnação o indivíduo reveste-se de um corpo material mais ou menos grosseiro, de acordo com a natureza do planeta físico. Assim, o homem é constituído de:

- 1) **Alma:** Espírito encarnado;
- 2) **Corpo físico:** matéria orgânica proporcional ao meio-ambiente do planeta;
- 3) **Perispírito:** corpo espiritual que liga o Espírito ao corpo material.

As encarnações se dão exclusivamente na espécie humana. Embora os demais seres (animais e plantas) também evoluam, têm um limite tal que não ultrapassem à sua organização: animais serão sempre animais e plantas serão sempre plantas. A metempsicose (transmigração da alma humana para o corpo animal) é uma ideia errônea.

A morte (desencarne) é a destruição do corpo orgânico, estabelecendo assim, o desligamento do Espírito, que volta ao mundo espiritual conservando a sua individualidade e qualidades adquiridas.

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Os planetas nascem, evoluem e se extinguem, quando sua massa retorna à forma elementar para darem forma a outros. São de diferentes características (apropriados para determinados corpos orgânicos) e para distintos fins: mundos primitivos, mundos de expiações e de provas, mundos de regeneração e mundos felizes. Habitam esses mundos os Espíritos que se assemelham ao estado evolutivo da organização física, em que o modo de sobrevivência é mais ou menos denso e penoso (para indivíduos mais atrasados) e mais ou menos sutil e feliz (para Espíritos mais evoluídos).

CLASSE ESPÍRITA E EVOLUÇÃO

Porque são criados em tempos diferentes e pelos dispares esforços empregados em sua melhoria, os Espíritos ocupam posições diversas na escala evolutiva. Desta forma, há os que ocupam o estado primitivo e outros que já percorreram toda a estrada do progresso e alcançaram a perfeição cabível.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc.

Comprazem-se no mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, antes perturbadores e enredadores, do que perversos. A malícia e as inconseqüências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos.

A progressão se dá, pois, por duas vias: moral e intelectual. Embora uma concorra com a outra, nem sempre caminham juntas, de forma que há quem avance mais em uma em relação à outra. Contudo, a experiência acumulada nas passagens reencarnatórias e a força das circunstâncias impelem os indivíduos à evolução. Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita.

QUALIDADES E APTIDÕES

O homem bom é a encarnação de um bom Espírito; o invejoso é a encarnação de um Espírito invejoso. A alma conserva as qualidades do seu ser espiritual.

Deus deu a todos as mesmas aptidões para alcançarem sabedoria e virtudes morais, cabendo a cada qual esforçar-se para desenvolver tais faculdades. Sabendo que cada um passa por diversas encarnações, vemos ser natural que haja homens mais dotados que outros.

CONVÍVIO ESPÍRITA

Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontramos aqueles que conhecemos na Terra, e nossas existências anteriores se desenham na nossa memória, com a lembrança do bem e do mal que fizemos.

O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal.

Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós.

INFLUÊNCIA E MANIFESTAÇÃO ESPÍRITA

Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: para eles é um prazer ver-nos cair e nos assemelharmos a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que

lhes servem de instrumentos.

Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação.

Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obtermos deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.

Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, gaiata e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da boa-fé dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde reine íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem.

FILOSOFIA MORAL ESPÍRITA

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: **Fazer aos outros aquilo que queremos que os outros nos façam, isto é, fazer o bem e não o mal.** Neste princípio o homem encontra uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.

Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se avizinha da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo; que o Forte e o Poderoso devem amparo e proteção ao Fraco, pois transgride a Lei de Deus aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante. Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e evidenciadas todas as suas torpezas; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e prazeres desconhecidos na Terra.

Mas, ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. O homem encontra meios de conseguir sua remissão nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

A Doutrina Espírita ilumina as mentes – porque somos carentes de conhecimento – e

consola os corações – porque somos sofredores nesta terra de expiações e de provas.

Com sua luz, nos esclarece acerca do mundo espiritual e nos fortifica na luta rumo a um porvir melhor, pela certeza de que nossos esforços não são em vão e de que colheremos os bons frutos que ora plantamos. Não é a religião espírita que faz o indivíduo buscar seu aprimoramento, mas a própria consciência deste que promove sua reforma íntima. Não há como permanecer inerte após o conhecimento que a Doutrina Espírita nos dá.

Não há penas eternas e nenhum pecado irremissível. Sempre há uma chance de reparação e todo erro deve e será compensado.

Nenhum se perderá, mas todos chegarão à perfeição. O detalhe é quão longo e penoso é o caminho dos que retardam sua depuração.

Não há seres criados naturalmente perfeitos (anjos) e nem condenados (demônios), mas todos passam pelo mesmo processo evolutivo. Não há inferno (espaço físico), mas há condições sofríveis de estado de consciência dos errantes diante de suas falhas.

O arrependimento não isenta o Espírito de reparar seu erro, mas atenua a expiação com a aplicação do trabalho voluntário e solidário.

De posse desses dados, o espírita se fortalece para sua reforma e cria vínculos íntimos com a fraternidade, deixando mais de lado seus interesses pessoais – sobretudo os materiais e efêmeros – e procura a coletividade, observando a máxima cristã: é “dando que se recebe”. Seu coração palpita forte pelo serviço da caridade, seja ela matéria ou de apoio moral.

Que assim seja, graças a Deus!

O Paraíso na Terra

*“Bem-aventurados os que têm o coração puro,
porque verão a Deus”.*

Jesus (Mateus, 5:8)

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo.

“Preditada foi a transformação da Humanidade e se aproxima o momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebem a sublime alegoria do Paraíso perdido e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si a semente de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobrem a não menos sublime alegoria do pecado original? Considerado deste ponto de vista, o pecado original se prende à natureza ainda imperfeita do homem que, assim, só é responsável por si mesmo, pelas suas próprias faltas e não pelas de seus pais.

“portanto, todos vocês, homens de fé e de boa vontade, trabalhem com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colherem pelo múltiplo o grão que tiverem semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias”.

São Luís

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 1019)

